

‘Tende sempre diante dos olhos o exemplo de Cristo, o Bom Pastor’

Luciney Martins/O SÃO PAULO



Cardeal Odilo Pedro Scherer com os padres recém-ordenados Vitor Fernandes Battisti Petris, Donato Sousa da Silva, Denis Oliveira Alves e Dênisson Luan Oliveira Dias, no sábado, 6

Pela imposição das mãos do Cardeal Odílio Pedro Scherer, Arcebispo de São Paulo, na tarde do sábado, 6, na Catedral Metropolitana Nossa Senhora da Assunção, os até então Diáconos seminaristas Dêvisson Luan Oliveira Dias, Donato Sousa da Silva, Vitor Fernandes Battisti Petris e Denis Oliveira Alves foram ordenados sacerdotes.

Na homilia, ao recordar que a ordenação se deu durante o Advento – “um tempo em que Deus renova a nossa esperança” – e no Ano Jubilar vivido pela Igreja, o Arcebispo Metropolitano enfatizou que os ministros ordenados devem ajudar os fiéis a manterem firme a confiança em Cristo, mesmo diante das dificuldades que enfrentem ao longo da vida.

Dirigindo-se especialmente aos quatro neossacerdotes, lembrou-os do compromisso que assumem de servir ao Senhor e à Igreja na tríplice missão de anunciar a Palavra de Deus, de santificar o povo, especialmente por meio dos sacramentos, e de pastoreá-lo, seguindo o modelo do próprio Cristo.

Páginas 6 e 7

Deus caritas est e o chamado à plena realização do amor

Há 20 anos, com esta encíclica, o Papa Bento XVI falava do amor com um olhar renovado, que nasce da fé, destacando que no início do ser cristão está o encontro pessoal com Jesus. Também recordava que o amor divino é a base para que todos se amem e se respeitem, em igual dignidade, e pratiquem a caridade.

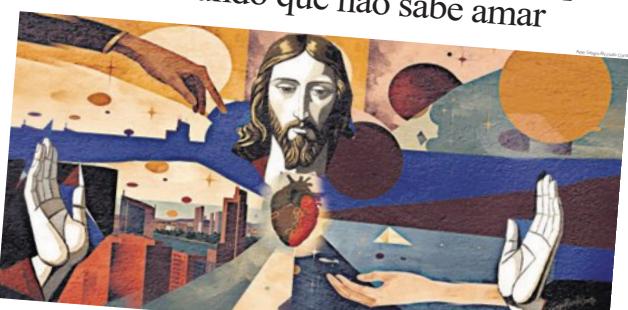
Reprodução

caderninho Fé e Cultura

10 de dezembro de 2025
EDIÇÃO 40

O SÃO PAULO

Deus caritas est: o anúncio do amor para um mundo que não sabe amar



Francisco Borba Ribeiro Neto*

Quando Bento XVI foi eleito papa, um jornal português, orientado pelos orientais de J. Razinger, o Pefer Herding e Norberto Galvão, publicou o artigo "Um sacerdote que acredita no amor". Sem saber, anteciparam os temas da encíclica *Deus caritas est* (DCE).

Há 20 anos, no Natal de 2005, Bento XVI publicou a encíclica *Deus caritas est*. Endida e com uma passagem discreta pela história, assim como seu autor, é um texto emblemático, que bem pode ser considerado um marco da transição do catolicismo do século XX para o XXI. Não apresenta reformas doutrinárias ou "invenções teológicas", mas sim um renovado olhar sobre a fé ao recenter-la no amor.

re de, mas mostram como essa empatia nem sempre se manifesta e é modulada por estímulos emocionais e pela própria situação de cada indivíduo.

A dignidade é constitutiva do ser humano, mas não é instintiva ou automática, ou mesmo uma construção social. Ela é fruto de um processo

Encontro com o Pastor

Preparai-vos para acolher
o Cristo e para se encontrar
ao final com Deus

Página 2

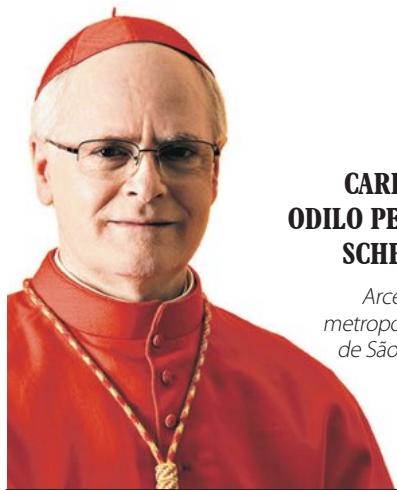
Editorial

Penitência: ato de amor ainda mais recomendado aos cristãos no Advento

Página 4

**Há 280 anos surgia a
Diocese de São Paulo,
marco evangelizador em SP**

Página 10



**CARDEAL
ODILO PEDRO
SCHERER**

Arcebispo
metropolitano
de São Paulo

Iniciamos a 2ª semana do Advento com um chamado de São João Batista: “Preparai-vos!” (cf. Mt 5,1-12). Ele mesmo se preparava para acolher o reino de Deus, que estava às portas, com penitências e vida austera (v.4). E, junto do rio Jordão, chamava o povo a se preparar: “Preparai os caminhos do Senhor e endireitai as suas veredas” (v.3).

Ao povo que acorria, João Batista advertia sem meias palavras: convertei-vos e fazei obras que mostrem a vossa conversão. Não basta dizer: eu tenho religião, eu sei tudo sobre a religião! E ameaçava os impenitentes com o julgamento de Deus: “O machado já está posto à raiz das árvores. Toda árvore que não der bom fruto, será cortada e jogada ao fogo” (v.10). Assim, o Precursor se preparava e preparava o povo para acolher o Enviado de Deus, que iniciará sua pregação com o mesmo anúncio e apelo: “O reino de Deus está perto. Arrependei-vos e crede no Evangelho!” (Mc 1,15).

Essas palavras de João Batista e de

Preparai-vos!

Jesus nos recordam uma prática muito importante do Advento: preparar-se para acolher o reino de Deus, que Jesus Cristo anunciou e tornou presente entre os homens. Essa preparação pode significar muitas coisas: abrir-se mais à Palavra de Deus e da Igreja, rezar mais, fazer uma boa avaliação da própria vida, para saber se temos “caminhos tortos” a endireitar, se somos árvores que dão fruto bom ou não. No Advento, deveríamos também fazer uma avaliação crítica sobre as condições da vida pessoal, familiar, comunitária e social, da qual participamos: nela estão presentes os valores do reino de Deus ou existe fechamento e até oposição ao reino de Deus? “Fazer penitência”, no sentido cristão, é sempre uma prática voltada para a conversão: não fazemos penitência simplesmente para nos reprimir ou castigar, mas para nos corrigir e melhorar nossa conduta. Nossas práticas penitenciais neste tempo do Advento deveriam, de fato, consistir em “endireitar os caminhos”.

E não deveria faltar uma boa Confissão sacramental, para buscar e receber o perdão de Deus. Por outro lado, a preparação do Natal deve incluir a atenção e sensibilidade para com o próximo. Graças a Deus, neste período, acontecem muitas iniciativas de solidariedade fraterna para com os pobres, os enfermos, as pessoas idosas e tantos outros irmãos necessitados de atenção

e amor. A caridade sincera é fruto da conversão a Deus e de nossa fé no significado profundo do Natal. O Filho de Deus assumiu a nossa “carne”, nossa natureza humana, mostrando o valor alto de cada ser humano. O mistério da encarnação do Filho de Deus em nossa condição humana, tornando-se irmão de cada ser humano, revela ao homem a sua imensa dignidade. O reconhecimento disso, pela fé, leva à prática do respeito por toda pessoa humana e à caridade fraterna.

Muitas outras coisas podem fazer parte desse tempo de preparação: dispor o ambiente familiar e social para a celebração do Natal de Jesus, indo além da corrida aos presentes, “amigos secretos” e confraternizações, que podem cansar rapidamente, quando não são acompanhados por uma motivação consistente; rezar mais, pessoalmente, em família, em grupos e na comunidade eclesial; celebrar a Novena do Natal, fazer as devoções a Nossa Senhora e com ela viver esse tempo de feliz espera, preparar um presépio cristão em casa e em outros ambientes de convivência, visitar pessoas e famílias pobres, os enfermos e pessoas idosas, para levar-lhes a alegria e a esperança do Natal. Nisso tudo, não deixar de envolver as crianças e os adolescentes, para que eles recebam e acolham como herança cultural e religiosa as belas tradições e práticas do Natal cristão.

Porém, esse “preparai-vos” refere-se a mais uma dimensão importante do Advento: preparar-se para ir ao encontro do Senhor quando Ele vier novamente “para julgar os vivos e os mortos”, conforme professamos em nossa fé. Este tempo litúrgico nos recorda de que a vida inteira da Igreja e nossa vida pessoal está orientada, queiramos nós ou não, para o encontro final com Deus e com o grande Juiz, que um dia virá glorioso “para julgar os vivos e os mortos”, conforme professa a fé da Igreja. O tempo litúrgico do Advento é breve e passará logo, mas essa espera do encontro final com Deus é permanente em nossa vida e na vida da Igreja. Somos peregrinos de esperança, de uma esperança que não desilude (cf. Rm 5,5).

Preparar-se, significa, então, não viver distraidamente, como se não tivessemos que prestar contas a ninguém e nem mesmo a Deus. Significa ficar firmes durante esta vida e perseverar na fé, sem nos desviarmos do caminho de Deus; e, também, viver como peregrinos atentos à meta do seu peregrinar, para não se perder pela vida; e significa ser operosos e dinâmicos na caridade e na prática do bem. Enfim, como nos recorda a bela oração após a comunhão do 2º domingo do Advento, significa “dar o justo valor às coisas terrenas e colocar as nossas esperanças nos bens eternos”.



SANTA CAROLINA

CHILE 1875

Nascida da inspiração e moldada pelo tempo, Carolina carrega um legado histórico. Reinventa tradições, cria novas experiências e desperta sensações únicas. É ousadia com alma. É o passado que pulsa no presente.

CAROLINA
RESERVA



Beba com moderação.

9 seminaristas são admitidos por Dom Odilo como candidatos às ordens sacras

REDAÇÃO
osaopaulo@uol.com.br

Na manhã da segunda-feira, 8, Solenidade da Imaculada Conceição da Bem-aventurada Virgem Maria, foi festejada a padroeira do Seminário Imaculada Conceição da Arquidiocese de São Paulo, com uma missa no Seminário de Teologia Bom Pastor, no Ipiranga, presidida pelo Cardeal Odilo Pedro Scherer.

Na homilia, o Arcebispo agradeceu a todos que apoiam e se empenham para a manutenção das casas de formação do Seminário Arquidiocesano – Propedêutico, Filosofia (etapa do Discipulado) e Teologia (Configuração). Fez ainda menção à celebração dos 280 anos do Bispado de São Paulo, criado em 6 de dezembro de 1745, que possibilitou ampliar a ação evangelizadora da Igreja na cidade, por meio de suas estruturas e do testemunho de fé dos católicos ao longo das décadas.

IMACULADA CONCEIÇÃO

Ao falar sobre a Solenidade da Imaculada Conceição, Dom Odilo recordou que Maria foi preparada por Deus para ser a Mãe do Salvador: “Deus quis preparar para Seu filho uma mãe que fosse digna Dele. Por isso, ela foi preservada de toda a mancha do pecado”.



Luciney Martins/O SÃO PAULO

O Arcebispo destacou, também, que Nossa Senhora é mãe e intercessora da humanidade, pois está sempre próxima de Jesus, além de consoladora dos que a ela recorrem, e evangelizadora, porque a todos chama à conversão, à penitência, à oração e a estar mais atentos ao que Jesus ensina. Ela, porém, não deve ser chamada de corredentora – como esclareceu a nota doutrinal *Mater Populi fidelis*, sobre alguns títulos marianos, publicada no início de novembro pelo Dicastério para a Doutrina da Fé – pois o Redentor da humanidade é unicamente Jesus Cristo.

ORDENS SACRAS

Após a homilia, Dom Odilo condu-

ziu o rito de admissão de nove candidatos às ordens sacras: os seminaristas Cesar Lima Pereira, Fabio Aparecido do Nascimento da Silva, Gabriel de Barros Augusto, Gil Pierre de Toledo Herck, Kaique Gonçalves de Souza, Leonardo de Morais Soares, Rodolfo Mota da Silva e Vitor Norberto da Silva Pacheco, todos do 2º ano da etapa da Configuração; bem como o seminarista Luis Henrique Rodrigues de Lima, que está no 3º ano desta mesma etapa.

Perante o Arcebispo, eles assumiram o desejo de completar a preparação que os tornará aptos a receber oportunamente o ministério da sagrada Ordem e de preparar o coração para

que possam servir fielmente a Cristo e à Igreja.

Ao admitir um candidato às ordens sacras, a Igreja reconhece que este já tem suficiente amadurecimento nas quatro dimensões apresentadas por São João Paulo na *Pastores dabo vobis* [exortação apostólica sobre a formação dos sacerdotes]: humana, espiritual, intelectual e pastoral missionária. Essas mesmas dimensões estão acentuadas na *Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis*, publicada em 2016 pelo Dicastério para o Clero, sobre a formação dos futuros sacerdotes.

Entre os concelebrantes da missa estiveram Dom Carlos Lema Garcia, Dom Cícero Alves de França, Dom Edilson de Souza Silva e Dom Carlos Silva, OFMCap., Bispos Auxiliares de São Paulo; os Padres José Adeíldo Pereira Machado e Sidnei Fernandes Lima, respectivamente Reitor e Vice-reitor do Seminário de Teologia; Frank Antônio de Almeida, Reitor do Seminário de Filosofia; e João Henrique Novo do Prado, Reitor do Seminário Propedêutico; e os neossacerdotes Padres Dévisson Luan Oliveira Dias, Donato Sousa da Silva e Vitor Fernandes Battisti Petris, ordenados por Dom Odilo no sábado, 6.

(Colaborou: Karen Eufrosino)

Cardeal preside missa em novena da Paróquia Nossa Senhora da Conceição

FERNANDO ARTHUR
ESPECIAL PARA O SÃO PAULO

A missa do último dia da novena em honra à padroeira da Paróquia Nossa Senhora da Conceição, no Tatuapé, na Região Belém, no domingo, 7, foi presidida pelo Cardeal Odilo Pedro Scherer e concelebrada pelo Padre José Mário Ribeiro, Pároco.

Na homilia, Dom Odilo refletiu sobre a liturgia do 2º Domingo do Advento, destacando a figura de São João Batista e o apelo à conversão. “Este é um tempo de preparação, de arrumar a casa”, disse o Cardeal, fazendo uma analogia com os preparativos domésticos para o Natal.



Pascom paroquial

O Arcebispo ressaltou que o Advento é um tempo marcado pela esperança, tema central deste Ano Jubilar. Ele recordou as palavras do profeta Isaías sobre um mundo de paz e de justiça, no qual “o lobo e o cordeiro pastarão juntos”, enfatizando que

essa é a promessa de Deus, mas que exige a colaboração humana por meio de “frutos de justiça” e de uma vida renovada.

Dom Odilo apontou a Virgem Maria como modelo de espera confiante. “Maria Imaculada viveu o Advento, à espera do

nascimento de Jesus. E aderiu plenamente ao Reino de Deus, colocando-se inteiramente à disposição Dele”, afirmou, exortando os fiéis a aprenderem com Maria a atitude de acolher o “Deus que vem”.

“Assumindo a nossa pobreza, Ele nos enriquece com a sua divindade”, concluiu Dom Odilo, lembrando que o Natal não é apenas um aniversário histórico, mas a celebração de um mistério de fé que continua a acontecer na vida da Igreja.

As festividades culminaram na segunda-feira, 8, Solenidade da Imaculada Conceição, quando centenas de devotos passaram pela igreja matriz do Tatuapé. À noite, os fiéis realizaram uma procissão luminosa pelas ruas do bairro.

Inauguradas as novas instalações da Cúria Diocesana de Campo Limpo

REDAÇÃO
osaopaulo@uol.com.br

Na segunda-feira, 8, o Cardeal Odilo Pedro Scherer, Arcebispo Metropolitano de São Paulo, participou da bênção de inauguração das novas instalações da Cúria Diocesana de Campo Limpo. O rito foi presidido por Dom Valdir José de Castro, Bispo Diocesano, e contou também com a presença de Dom Luiz Antônio Guedes, Bispo Emérito, além de clérigos, religiosos e leigos da Diocese.

Na ocasião, também foram inauguradas as dependências do Vicariato para a Comunicação, da Câmara Eclesiástica, além de um auditório e da se-

cretaria paroquial da Catedral Diocesana Sagrada Família.

A Diocese de Campo Limpo foi criada em 15 de março de 1989, pela bula *Com o Beneplácito de Deus*, de São João Paulo II, sendo instalada em 4 de junho do mesmo ano. Ela surgiu a partir do desmembramento da área que correspondia à então Região Episcopal Itapecerica da Serra, da Arquidiocese de São Paulo. Seu território compreende bairros das zonas Sul e Oeste da capital paulista, como Campo Limpo, Butantã, Morumbi, Jardim São Luís, Capão Redondo e Jardim Ângela, além dos municípios de Embu das Artes, Embu-Guaçu, Itapecerica da Serra, Juquitiba, São Lourenço da Serra e Taboão da Serra.



Andrea Rodrigues/Diocese de Campo Limpo

Editorial

Penitência, ato de amor

No tempo do Advento, em que a Igreja intensifica sua preparação para receber Nossa Senhor, pede-se de forma muito especial que todos os fiéis rezem, participem dos sacramentos e se penitenciem com maior frequência. Isso é simbolizado na liturgia por meio da cor roxa, sinal de purificação, arrependimento, preparação espiritual e conversão. Contudo, por mais que a vasta maioria das pessoas compreenda a importância das orações, Confissões e da Comunhão constante neste período, muitas ainda possuem um pouco mais de reserva no que diz respeito às penitências. Isso é comprensível quando se remove o sentido espiritual ligado a elas e se deixa somente com seu aspecto exterior de desconforto, dor e sofrimento. Por isso, é essencial resgatar seu verdadeiro significado e, com isso, apreender sua necessidade prática: penitência é um ato de amor.

Primeiramente, é importante defini-

nir o que é a penitência. Em linhas gerais, pode-se dizer que há duas formas distintas, porém interligadas, de penitência: a exterior e a interior. A primeira refere-se aos atos concretos de mortificação, jejum, esmola e oração que nos ajudam a nos configurarmos a Cristo Jesus. Entretanto, ainda mais importante, as penitências exteriores só possuem verdadeiro sentido quando têm por fim as interiores. Estas são definidas justamente como “a reorientação radical de toda a vida; conversão para Deus de todo o nosso coração [...]. É o desejo e a resolução de mudar de vida com a esperança na misericórdia divina e a confiança na ajuda de Sua graça” (*Catecismo da Igreja Católica - CIC 1431*). Dessa forma, pode-se dizer que os atos exteriores servem para adquirir o domínio sobre nossas paixões e a liberdade de coração, a fim de vivermos efetivamente como filhos de Deus.

Compreendendo essa realidade, fica claro o motivo da penitência ser um ato

de amor: desprendendo-nos das criaturas, disponibilizamo-nos para o Criador. Cumprir isso não é fácil. Verdade seja dita, é um sacrifício. Mas tal qual a penitência, o sacrifício também tem sua fonte na caridade divina e nos abre a amar cada vez mais. Podemos ver isso até mesmo em contextos mais simples, não diretamente ligados a Deus. Pais que sacrificam horas de sono todas as noites pelos seus filhos mais novos, esposos que se esvaziam de suas vontades momentâneas para lavar a louça a um parceiro cansado, entre outros. Nesse sentido, a penitência não deixa de ser uma série de sacrifícios pessoais voluntários visando a um crescimento no Amor.

Vale ressaltar, no entanto, o risco da penitência desordenada. Ela ocorre quando alguém, por mais que faça os atos exteriores, não abre seu coração para a graça divina. Assim, o fim último pela qual a penitência existe não é cumprido e aquela ação perde o

sentido diante de Deus. Quanto a isso, Nossa Senhor avisa repetidamente sobre aqueles que fazem esmola, oração e jejum para serem reconhecidos pelos outros homens: “Guardai-vos de fazer as boas obras diante dos homens, com o fim de serdes vistos por eles, de outra sorte não tereis direito à recompensa do vosso Pai, que está nos céus” (Mt 6,1).

Portanto, neste tempo do Advento, façamos mais penitências enquanto nos preparamos para a vinda de Nossa Senhor! Unindo de forma oportuna e discreta pequenos sacrifícios e desconfortos ao longo de nossos dias, preparamo-nos de forma mais especial para receber a encarnação de Deus. Que nós possamos, por meio delas, abrir cada vez mais nossos corações a fim de que seja cumprida Suas palavras: “Dar-vos-ei um coração novo e porei um novo espírito no meio de vós; tirarei da vossa carne o coração de pedra e dar-vos-ei um coração de carne” (Ez 36,26).

Opinião

Deus me ama, mas eu não acredito

ANA LYDIA SAWAYA

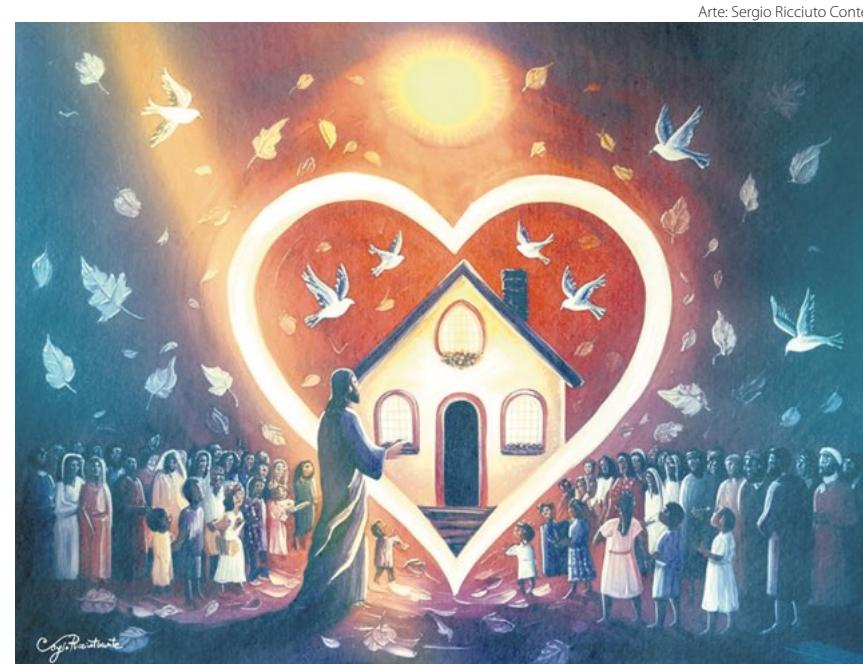
A maior obra do nosso verdadeiro inimigo, creio, é fazer de tudo para que não acreditemos que Deus nos ama; e, como consequência, vivemos como se Ele não nos amasse: tristes, sozinhos, quando não desesperados.

Ele nos amou e quis que nascêssemos (Ele que é o Senhor da vida), mas consideramos esse ato de amor Dele por nós sem importância: não nos maravilha nem nos enche de gratidão. Às vezes, a obra do inimigo teve tanto sucesso que nos enchemos de raiva...

Ele nos deu, mesmo nas situações mais difíceis e quem sabe até trágicas, alguém que cuidou de nós, pois sem esse alguém, não teríamos sobrevivido, mas também esse fato, consideramos de pouca importância e nem nos lembramos Dele.

Quantas vezes, Ele nos resgatou e salvou de tantos perigos e dificuldades, mas também, nesse caso, nem nos lembramos de que Ele cuida de tudo, é o Senhor da realidade e está sempre, na medida que o permitirmos, livrando-nos das garras do nosso grande inimigo.

Como nossa vida seria diferente se nos lembássemos de que Ele é o Senhor da vida e do mundo todo, e buscássemos viver uma amizade com Ele; recordando que Ele nunca se impõe a nós. Mesmo que Ele seja o Verbo, que age o tempo todo, Ele,



Arte: Sergio Ricciuto Conte

como nós O conhecemos por meio de Jesus, não se impõe a ninguém.

O que podemos fazer para recordar-nos no dia a dia de que Ele nos ama? O que falta para viver essa relação de amor com Ele? A familiaridade com a Sua Palavra. Hoje, sabemos que as palavras, a linguagem, o conhecer formas verdadeiras e corretas de se exprimir por meio das palavras, do uso da linguagem, formam o pensamento e são a raiz do conhecimento. Por isso, a familiaridade com a Palavra de Deus é necessária para fruir toda a graça, e compreender adequadamente toda a nossa prática religiosa, os sacramentos, a Eucaristia. Sem a familia-

ridade com a Palavra de Deus que nos fala diretamente, qualquer outra vivência religiosa corre o risco de se tornar gesto externo que não toca no fundo do nosso entendimento, e não muda o nosso modo de pensar e de agir. Como dizia Santa Terezinha do Menino Jesus: “Aprendi tudo da Sagrada Escritura”, que ela carregava consigo o tempo todo.

É na Sagrada Escritura que Deus nos diz o quanto nos ama. São as Palavras inspiradas por Ele mesmo que podem nos ensinar a como viver o amor, a confiança, a certeza da Sua Presença, e misericórdia. Quanto mais repetirmos essas Palavras, mais elas penetrarão em nós e nos mos-

trarão o quanto elas são verdadeiras, como nos lembra o Papa Francisco na *Dilexit nos* (99):

És precioso aos meus olhos [...] eu te amo (Is 43,4).

Pode uma mulher esquecer-se de seu filhinho, a ponto de não se compadecer do filho de suas entradas? Mesmo que ela se esquecesse, eu, contudo, não me esquecerei de ti! Vê que eu te gravei nas minhas mãos (Is 49,15-16).

Mesmo que as montanhas se retirem e as colinas se movam, o meu amor não se afastará de ti, e a minha aliança de paz não será abalada (Is 54,10).

Com amor eterno, eu te amei, por isso te atraí com misericórdia (Jr 31,3).

O Senhor, teu Deus, está no teu meio. Valente, Ele te salvará. Ele se regozijará por ti com alegria, comovido em Seu amor; e se encherá de júbilo por ti com exultação (Sf 3,17).

É bom lembrarmos ainda, neste tempo de Advento e de Natal, que o primeiro a entrar no Reino dos Céus foi um ladrão que deve ter feito coisas tão terríveis a ponto de merecer a morte mais cruenta. Bastou-lhe, porém, confessar e pedir: *Jesus, lembrete de mim quando vieres com o Teu Reino;* e que Jesus logo olhou para ele cheio de afeição e respondeu: *Hoje, estarás comigo no paraíso.*

Ana Lydia Sawaya é monja beneditina camaldolense do Mosteiro da Encarnação, Mogi das Cruzes, São Paulo. Foi professora da Unifesp, com doutorado em Nutrição na Universidade de Cambridge, e pesquisadora visitante do MIT.

Comportamento

Videogames interativos, acesso à IA e os riscos a crianças e adolescentes

SIMONE RIBEIRO CABRAL FUZARO

Confesso que, com muita preocupação, mas nem tanta surpresa, tenho tomado conhecimento do quanto pais, professores e adultos em geral (entre os quais me incluo), estão despreparados para lidar com todas as novidades que cotidianamente são implementadas no mundo virtual, ao qual crianças e adolescentes acessam com certa liberdade.

Jogos que parecem inofensivos, criativos e até mesmo bem infantis, proporcionam experiências que promovem o acesso prematuro de crianças a conteúdos sexuais e violentos, com bastante naturalidade. O Roblox, por exemplo, oferece ferramentas e oportunidade para que os usuários criem seus próprios jogos e os disponibilizem na plataforma; desse modo, os mais diversos conteúdos se colocam à disposição. Pesquisas mostram que 39% dos usuários da plataforma têm menos de 13 anos, ou seja, pessoas ainda sem critérios claros tanto para criar conteúdos de qualidade e apropriados

quanto para elegê-los na hora de jogar.

Não são poucas as histórias de moedas do Roblox que são trocadas com crianças e adolescentes por trabalho de criação dentro da plataforma ou mesmo por *nudes*. A professora Telma Pi leggi Vinha, da Faculdade de Educação da Unicamp, já alertou em outubro, em uma entrevista à *Folha de S. Paulo*, que no âmbito do Roblox alguns personagens infantis estimulam comportamentos sexuais em troca de moedas virtuais. Acontece que estamos falando sobre crianças e adolescentes, ou seja, pessoas em formação. Pessoas que estão aprendendo sobre o bem e o mal, sobre o moralmente correto e incorreto e, no entanto, estamos permitindo que participem com naturalidade de um mundo no qual esses valores estão completamente subvertidos e confusos. Estamos permitindo que a imaginação deles seja completamente corrompida. Isso certamente trará resultados desastrosos na formação dessas crianças – confusões sobre o sentido das relações humanas,

prejuízos no desenvolvimento emocional, social e até mesmo cognitivo.

Com a Inteligência Artificial acontece um pouco pior: são inúmeras as ferramentas e possibilidades que ela oferece e, mesmo sem que os adultos estejam dominando esses recursos, estão permitindo o acesso desses seres em formação a toda essa realidade.

“Mas, Simone, este será o mundo deles, não há mais como voltar atrás!” Sim, isso é pura verdade. No entanto, se os instrumentos destes tempos são mais complexos, precisamos preparar melhor as crianças para utilizá-los e não simplesmente acreditar que, por terem nascido em uma era digital, estão aptas ao uso.

Antes mesmo da popularização do uso da IA, em 2023, um aplicativo de Inteligência Artificial foi usado por um grupo de adolescentes para remover a roupa de dezenas de colegas e simular a nudez deles, ou seja, eles estão vendo como natural algo que aponta contra a dignidade dos colegas e os comprometem seriamente.

Obviamente os órgãos competentes

precisam legislar e determinar sobre o uso desses instrumentos por menores; no entanto, são os pais os maiores responsáveis, não podemos perder isso de vista. De nada adianta a lei externa se dentro da família não há o menor respeito à autoridade dos pais, ou pior, não há sequer o conhecimento deles sobre os riscos envolvidos.

Atendo pais de adolescentes que estabelecem um tempo diário para que os filhos tenham acesso à IA, e outros ainda que nem controle de tempo impõem, o que dirá de conteúdo. Não se trata de pessoas que querem o mal dos filhos, que não se importam com sua formação, mas certamente estão absolutamente equivocadas sobre como conseguir alcançar esse objetivo.

Portanto, pais, atenção: é preciso se antecipar. Na dúvida, proiba. É melhor errar pelo excesso de zelo do que pela permissividade. Enfrentem a batalha de restringir e conhecer primeiro, para depois poder orientá-los bem. Vale a pena!

Simone Ribeiro Cabral Fuzaro
é fonoaudióloga e educadora. Mantém o site www.simonefuzaro.com.br. Instagram:@sifuzaro.

Espiritualidade

Imaculada Conceição



**DOM CARLOS
LEMA GARCIA**
BISPO AUXILIAR DA
ARQUIDIOCESE E
VIGÁRIO EPISCOPAL
PARA A EDUCAÇÃO
E A UNIVERSIDADE

O mistério da Imaculada Conceição consiste em que Maria foi preservada de toda mancha de pecado desde o primeiro instante de sua existência. Trata-se de um privilégio especial que lhe foi concedido por Deus para que fosse digna Mãe de Jesus. O Papa Pio IX, que definiu o dogma da Imaculada Conceição em 1854, explicou que lhe foram aplicados antecipadamente os méritos de Cristo, salvador do gênero humano e, assim, ela foi preservada da mancha do pecado original. Convinha que fosse assim porque o corpo virginal, que abrigaria por nove meses o Verbo de Deus encarnado, não devia ter sido, nem por um instante, tocado por qualquer pecado.

Algumas passagens da Bíblia servem de fundamento para esse mistério, como o livro do Apocalipse que mostra uma visão grandiosa: “Apareceu no céu um grande sinal: uma mulher vestida de sol, tendo a lua debaixo dos pés e, sobre a cabeça, uma coroa de doze estrelas” (Apoc 12,1). Neste livro se narra a vitória dessa mulher, Maria, sobre o dragão infernal, o demônio.

Ao longo de sua vida, também foi dócil e correspondeu ao que Deus lhe pedia. A sua santidade foi crescendo ao passo da sua correspondência às graças que Deus lhe concedia.

Assim é a esplendorosa imagem da Imaculada: uma mulher com uma coroa de doze estrelas, com a lua aos seus pés, pisando em uma serpente. É a máxima beleza jamais vista nesse mundo.

Para entender o mistério da Imaculada, temos que remontar ao momento da anunciação do Arcanjo São Gabriel: “Ave, cheia de graça, o Senhor é contigo” (Lc 1,26). A plenitude da graça é incompatível com qualquer pecado. Todos nós nascemos com a mancha do pecado original e percebemos as suas sequelas: inclinação para o pecado, ignorância na inteligência, malícia na vontade, tendência à moeza e à preguiça, desordem na busca do prazer. Maria, ao contrário, nasce e vive sempre pura e inclinada para o bem. Sua alma manteve-se sempre em constante amor a Deus. Sempre imune em relação ao pecado e à inclinação ao pecado, ela nunca pecou nem mesmo da forma mais leve. Por isso, é uma criatura realmente incomparável: com um coração límpido, sem nenhum movimento de impaciência, de aborrecimento, de mau humor, nada... Podemos dizer que Maria realiza o ideal de perfeição da pessoa humana. Ela possui todas as virtudes, todas as qualidades que encontramos na vida de todos os santos, em grau sumamente elevado. Por isso, é chamada cheia de graça.

Ao longo de sua vida, também foi dócil e correspondeu ao que Deus lhe pedia. A sua santidade foi crescendo ao passo da sua correspondência às graças que Deus lhe concedia.

Dirigindo-nos a Ela, dizemos uma expressão que já repetimos milhões de vezes: “Bendita sois vós entre as mulheres”. Deus a escolheu entre todas as mulheres: Jesus foi a única pessoa desse mundo que pôde escolher sua própria Mãe! Assim escolheu a sempre Virgem Maria. Não só escolheu, mas a criou repleta de todas as qualidades e perfeições. Vamos imaginar se nos fosse permitido escolher a nossa mãe: obviamente escolheríamos a mãe que temos e a adornariam com todas as virtudes e qualidades. Foi o que Deus fez! E por que é importante essa proximidade de Maria? Porque ninguém amou Jesus com um amor tão profundo e generoso. Ninguém se uniu tão intimamente a Jesus como a sua Mãe, com um Amor forte, a toda prova. Um amor capaz de estar presente a seu lado e suportar com firmeza a Paixão e o suplício da Cruz. Por isso, ela foi quem primeiro teve a graça de ver Jesus Ressuscitado. Ela também esteve presente no grande momento da Igreja nascente, o dia de Pentecostes, quando os primeiros cristãos receberam a missão de levar o Evangelho a todo o mundo: Maria esteve a seu lado, como boa Mãe, consolando, abençoando, dando coragem...

Assim também está agora do nosso lado. Devemos levá-la à nossa vida, conviver com Maria. Ela nos levará a Jesus, especialmente nestas próximas semanas de preparação para o Natal. Queremos receber bem Jesus que está para chegar. Vamos preparar uma boa Confissão para receber Jesus em nossos corações neste Natal.

Você Pergunta

Qual é o verdadeiro sentido do Natal?

PADRE CIDO PEREIRA
osaopaulo@uol.com.br

A Sinésia, de Carapicuíba (SP), me escreve, perguntando como podemos falar às demais pessoas sobre o verdadeiro sentido do Natal, em uma época com tantos apelos comerciais.

Minha irmã, o Natal é importantíssimo para todos nós. Ele é a concretização do mistério da encarnação. Deus entra na nossa história, vem ao nosso encontro para realizar a obra de nossa salvação.

E Ele vem ao mundo como nós viemos: no seio de uma família, chamando um carpinteiro de pai e uma mulher do povo como mãe.

O Natal nos faz recordar o quanto Deus nos ama. Ele vem nos visitar na pessoa de seu Filho. Jesus se despe de sua divindade e veste a nossa humanidade. Vem nos salvar a partir de nossa fragilidade, de nossa fraqueza.

O Natal, enfim, permite-nos dizer que o Filho de Deus se fez homem para que nós homens vejamos filhos de Deus. E São João nos afirma que, de fato, nós somos filhos adotivos de Deus no Filho Jesus.

Infelizmente, é uma pena que tantas pessoas tenham esquecido o verdadeiro sentido do Natal. Hoje, faz-se do nascimento de Jesus uma festa pagã, em que comemos, bebemos, trocamos presentes, e quando tudo termina, a cabeça está pesada, o estômago cheio e o coração vazio.

Não deixemos que isso aconteça! Devolvamos o Natal ao seu único e verdadeiro dono. Que nosso Natal seja com Jesus!

Cardeal Scherer ordena quatro novos padres para a Arquidiocese de São Paulo

FERNANDO GERONAZZO
ESPECIAL PARA O SÃO PAULO

No sábado, 6, a Catedral Metropolitana Nossa Senhora da Assunção ficou repleta de fiéis para a celebração da ordenação de quatro novos sacerdotes para a Arquidiocese de São Paulo. A missa foi presidida pelo Cardeal Odilo Pedro Scherer, Arcebispo Metropolitano, e concelebrada pelos bispos auxiliares e dezenas de presbíteros.

Receberam o segundo grau do sacramento da Ordem os até então diáconos seminaristas Dévisson Luan Oliveira Dias, Donato Sousa da Silva, Vitor Fernandes Battisti Petris e Denis Oliveira Alves (conheça mais sobre os neossacerdotes na página 7).

ANIMADOS PELA ESPERANÇA

Na homilia, o Cardeal Scherer recordou que a celebração se dava em plena caminhada do Advento, tempo litúrgico que conduz a Igreja à preparação para o Natal do Senhor. Este período, destacou o Arcebispo, “é um tempo feliz, um tempo em que Deus renova a nossa esperança”. O Advento, portanto, é ocasião para revigorar a confiança nas promessas divinas, pois “nós somos um povo de esperança, um povo que caminha na esperança, um povo cheio de alegria, porque sabe que, através mesmo das muitas tribulações... nunca desfalecemos porque é firme a promessa”.

Dom Odilo chamou a atenção para o fato de que o Ano Jubilar vivido pela Igreja reforça essa realidade de esperança, pois os cristãos caminham como “pegrinos animados pela esperança”, conscientes do amor de Deus manifestado no envio do Seu Filho ao mundo. Recordou que os ministros ordenados têm papel fundamental nessa missão: devem ser “animadores do povo de Deus na esperança”, ajudando os fiéis a manterem firme a confiança em Cristo, mesmo diante das dificuldades.

MINISTROS DE CRISTO

O Arcebispo lembrou os ordenados de que, como presbíteros, deverão servir a Cristo e à Igreja em sua tríplice missão. Sobre o ministério da Palavra, disse: “Transmiti a todos a Palavra de Deus, que recebestes com alegria, e meditando na lei do Senhor todos os dias, procurai crer no que lerdes, ensinar aquilo que crerdes e, também, praticar aquilo que ensinardes”, para que “a vossa pregação seja alimento para o povo de Deus, e a vossa vida, estímulo para os fiéis”.

Quanto ao ministério da santificação, o Cardeal lembrou que o sacerdote deve conduzir o povo de Deus aos bens da graça: “Tomai consciência do que ireis fazer. E pondem em prática aquilo que celebrareis”, unindo sua própria vida ao sacrifício de Cristo e buscando viver na retidão e na caridade. Ele reforçou a importância da administração dos sacramentos, que ma-



Dom Odilo impõe as mãos sobre os eleitos, ato central do rito de ordenação dos neossacerdotes Vitor, Donato, Dévisson e Denis, no sábado, 6

nifestam a presença de Deus ao longo da vida dos fiéis.

Por fim, ao tratar da missão pastoral, exortou-os a viver segundo o modelo do próprio Cristo: “Tende sempre diante dos olhos o exemplo de Cristo, o Bom Pastor, que não veio para ser servido, mas para servir e para buscar e salvar o que estava perdido”. Assim, deverão conduzir o povo “como uma só família” para Deus Pai.

O RITO

Após a proclamação do Evangelho, os candidatos foram chamados nominalmente e se apresentaram diante do Arcebispo. Concluída a homilia, foram interrogados publicamente sobre sua disposição em assumir o ministério e se prostraram diante do altar enquanto a assembleia entoava a Ladainha de Todos os Santos, pedindo a intercessão da Igreja do céu.

O ápice do rito ocorreu com a imposição das mãos do Cardeal sobre os candidatos e a prece de ordenação, por meio da qual a Igreja invoca o Espírito Santo para constituí-los presbíteros. A seguir,

receberam a estola e a casula, vestes litúrgicas sacerdotais. Suas mãos foram ungidas com o óleo do Crisma, para que possam agir sacramentalmente “para a santificação do povo fiel e para oferecer a Deus o santo sacrifício”.

Também lhes foram entregues o pão e o vinho, que, na missa, serão oferecidos ao Pai e consagrados no Corpo e Sangue de Cristo. Conforme o rito, o Arcebispo exortou os novos sacerdotes a “tomar consciência do que vais fazer e pôr em prática o que vais celebrar, conformando tua vida ao ministério da cruz do Senhor”.

AÇÃO DE GRAÇAS

Agradecendo em nome dos neossacerdotes, Padre Donato Sousa da Silva iniciou sua fala dirigindo-se a Deus. “Hoje, elevamos nosso coração em profunda gratidão. Em primeiro lugar, agradecemos a Deus que nos chamou, sustentou e nos conduziu até este dia”. Manifestou também gratidão à Igreja na pessoa Cardeal Scherer, aos demais Bispos Auxiliares, “que nos acolheram e confiaram a nós o Ministério Presbiteral; aos formadores, diretores espirituais, a

todos os padres e professores que, com dedicação e paciência, moldaram a nossa vocação”.

O Neossacerdote reconheceu ainda o carinho e apoio das famílias e amigos, além dos fiéis das comunidades nas quais atuaram como diáconos, “cuja fé nos ajudou a compreender o que significa ser servidores do povo de Deus”. Concluiu pedindo orações para perseverarem na missão recebida: “Rezem por nós, para que sejamos sempre fiéis, humildes e generosos, sacerdotes segundo o coração de Jesus. Que a Virgem Maria interceda por nós”.

INÍCIO DO MINISTÉRIO

Ao final da celebração, foram anunciadas as regiões episcopais nas quais os novos padres iniciarão seu ministério presbiteral: Padre Denis, na Região Santana; Padre Dévisson, na Região Belém; Padre Donato, na Região Sé; Padre Vitor, na Região Lapa.

Eles deverão se apresentar aos vigários episcopais das respectivas regiões, que lhes confiarão suas primeiras missões pastorais na Arquidiocese de São Paulo.

Fotos: Luciney Martins/O SÃO PAULO

SAIBA MAIS SOBRE OS NEOSSACERDOTES

Luciney Martins/O SÃO PAULO

**VITOR FERNANDES
BATTISTI PETRIS**

'Fazei tudo o que Ele vos disser'

(Jo 2,5)

"A Igreja em São Paulo pode esperar um padre que quer fazer do seu ministério um serviço agradável a Deus, honrando-O e se santificando juntamente com o povo. Também deseo anunciar a Palavra de Deus – não apenas nas homilias e pregações, mas sobretudo com a vida – e ser testemunha de Cristo na Igreja, servindo ao povo por meio da Eucaristia, da Confissão, da direção espiritual, acompanhando as ovelhas que Ele me confiar", assegura Padre Vitor, 26.

O Neossacerdote sentiu o chamado à vocação aos 10 anos, inspirado em um sacerdote.

Aos 17 anos, fez o processo de discernimento no Centro Vocacional Arquidiocesano, sendo apoiado e sustentado pelo testemunho de fé dos seus familiares: "Eles nunca deixaram de me dar bons exemplos e de me ensinar os caminhos de Deus".

Vitor Petris ingressou no Seminário Propedêutico em 2017. No Seminário de Filosofia, fez a etapa do Discipulado entre 2018 e 2020; e no de Teologia, a etapa da Configuração, a partir de 2021.

"Os anos de formação certamente foram preciosos para lapidar a vocação na qual Deus me chamou!", assegura. Ele foi ordenado diácono em dezembro de 2024, e agora, padre, ministério que pretende viver com um olhar mariano.

"O meu lema sacerdotal me inspira a fazer tudo o que Ele me disser, observando atentamente, como Maria observava nas bodas de Caná. Quero observar o povo de Deus para ver onde falta o vinho da alegria, da harmonia, da concórdia, da caridade, da esperança e da fé, para que eu possa ser um pouco desta luz que mostra Jesus por meio do olhar de Maria".

DONATO SOUSA DA SILVA

'Ninguém tira a minha vida, eu a dou por mim mesmo'

(Jo 10,18)

"Um homem humilde, obediente e honesto; um coração plenamente disposto a servir a Deus, à Igreja e ao seu povo".

É assim que o Padre Donato, 29, deseja viver o sacerdócio, também sendo "fiel ao Magistério, profundamente enraizado na comunhão eclesiástica e sempre próximo das pessoas. Um padre de coração generoso e disponível, que deseja viver sua vocação com total entrega, simplicidade, caridade pastoral e amor ao Evangelho. Um sacerdote e devoto à Virgem Maria, um padre da misericórdia e da caridade", prossegue.

De família católica, Donato conta que desde a infância sentiu-se atraído à vida religiosa. A certeza veio durante uma missa do Dia do Bom Pastor, em 2015, ao ouvir de um padre que Deus poderia estar lhe chamando naquele momento para segui-Lo.

Depois, o jovem foi discernindo a vocação em momentos de adoração ao Santíssimo Sacramento, bem como em conversas e orações com os amigos. É uma passagem do livro do profeta Jeremias lhe deu a certeza do caminho a escolher: "Tu seduziste-me, Senhor, e eu me deixei seduzir, vencestes, fostes mais forte do que eu" (Jr 20,7).

Em 2016, Donato participou dos encontros vocacionais no Centro Vocacional Arquidiocesano. Em fevereiro de 2017, ingressou no Seminário Propedêutico e nos anos seguintes fez as etapas do Discipulado e da Configuração nas outras casas formativas. Recebeu a ordenação diaconal em dezembro de 2024.

O neossacerdote também cita como fundamental neste itinerário formativo as vivências nas diferentes realidades evangelizadoras e pastorais da Arquidiocese.

DENIS OLIVEIRA ALVES

'Erguerei o cálice da minha salvação, invocando o nome santo do Senhor'

(Sl 115,13)

Viver o sacerdócio apoiado nos três ofícios de Cristo – ensinar, santificar e servir – e em fidelidade à Igreja é o compromisso do Padre Denis: "Espero ser um sacerdote que tenha não só o domínio da doutrina, mas que também possa dar testemunho com minha própria vida, sendo uma ponte que ligue os fiéis a Cristo".

Denis sentiu o despertar vocacional na Vigília de Pentecostes em 2013, em uma comunidade do Caminho Neocatecumenal, em Brasília (DF). Ao dizer sim ao chamado, foi enviado, em 2015, para o Seminário Missionário Arquidiocesano Internacional *Redemptoris Mater São Paulo Apóstolo*, na Arquidiocese de São Paulo, no qual fez todo o itinerário formativo, até receber a ordenação diaconal em dezembro do ano passado.

"Espero desempenhar minha vida sacerdotal na oração, na caridade pastoral, na comunhão e na simplicidade de vida. O meu ministério não será apoiado no fruto dos meus talentos próprios, mas na graça que receberei do altar, por meio das orações, dos sacramentos, para poder me aproximar do povo de Deus, sentir o cheiro das ovelhas, para que eu possa ser um padre disponível para ouvir, para acompanhar, para caminhar junto com o povo, tendo o coração aberto para os pobres, os jovens, as famílias, as dificuldades que essa sociedade enfrenta e que precisa deste apoio do meu ministério", projeta o Neossacerdote aos 40 anos de idade. "Meu maior desejo é ser um *alter Christus*, um outro Cristo para essa geração, não na perfeição, mas na disponibilidade total para o serviço da Igreja, para a missão, o anúncio da Palavra e para a maior glória de Deus e salvação das almas", conclui.

DÊVISSON LUAN OLIVEIRA DIAS

'Dá ao teu servo um coração capaz de ouvir'

(1 Rs 3-9)

Nascido em Vitória da Conquista (BA), Padre Dêvission expressa gratidão à Arquidiocese de São Paulo pela acolhida, discernimento vocacional, vivências nas paróquias e pastorais sociais, e por todo o itinerário formativo que recebeu no Seminário Propedêutico, em 2017; no de Filosofia (etapa do Discipulado), de 2018 a 2020; e no de Teologia (etapa da Configuração), a partir de 2021: "Aprendi muito, também aprendi a amar a minha história e compreender que é nela que Deus me chama e que suscitou em meu coração o desejo de segui-Lo".

Padre Dêvission recorda os momentos de fé em família na infância, a atuação nas pastorais na juventude e o sim a Deus dado após relutar um pouco, quando já era graduado em Ciências Biológicas.

Hoje com 35 anos, o Neossacerdote assegura: "De forma alguma desejo ser um fim, mas sim um meio para que as pessoas se aproximem de Deus, para que se encontrem com Sua misericórdia".

Ao recordar seu lema de ordenação presbiteral, ele reforça seu grande pedido a Deus. "Que o Senhor me conceda um coração capaz de ouvir o outro na sua profundidade e, também, de me ouvir, com serenidade, reconhecendo os meus limites, estando ciente dos dons que tenho, mas sabendo que todos eles foram frutos da liberalidade de Deus, do seu amor. Assim, desejo ser um padre que reconhece a humanidade e que anuncia que Deus deseja que sejamos aquilo que Ele sonhou para nós: ter uma vida feliz, próxima Dele, uma vida que reconheça o amor Dele. Pretendo, portanto, viver meu ministério ciente da minha pequenez e de que a minha vida é um dom para outras pessoas. Quero ser padre por amor a Deus, ouvindo-O. Eu que sou parte do povo de Deus, quero ouvir este mesmo Deus e realizar na minha vida o Seu chamado", afirma.

(Redação dos textos: Daniel Gomes/O SÃO PAULO)

Cumulada de graça, Maria foi redimida da mancha do pecado desde sua conceição

DANIEL GOMES
osaopaulo@uol.com.br

Nove meses antes da festa da Natividade de Nossa Senhora – 8 de setembro – a Igreja celebra, em 8 de dezembro, a Solenidade da Imaculada Conceição da Virgem Maria, uma tradição de fé, solenemente proclamada como dogma, de que a Mãe do Salvador foi preservada de toda a mancha do pecado original desde a conceção.

“Pela inspiração do Espírito Santo Paráclito, para honra da santa e indivisa Trindade, para glória e adorno da Virgem Mãe de Deus, para exaltação da fé católica e para a propagação da religião católica, com a autoridade de Jesus Cristo, Senhor nosso, dos bem-aventurados Apóstolos Pedro e Paulo, e nossa, declaramos, promulgamos e definimos que a Bem-aventurada Virgem Maria, no primeiro instante de sua conceição, foi preservada de toda mancha de pecado original, por singular graça e privilégio do Deus Onipotente, em vista dos méritos de Jesus Cristo, Salvador dos homens, e que esta doutrina está contida na Revelação Divina, devendo, portanto, ser crida firme e para sempre por todos os fiéis”.

Assim escreveu o Papa Pio IX ao proclamar o dogma da Imaculada Conceição, em 8 de dezembro de 1854, por meio da bula *Ineffabilis Deus*. Não se tratou de uma nova doutrina na Igreja, mas sim – como todo dogma – de dar mais clareza a uma verdade de fé revelada por Deus, contida na Sagrada Escritura e na Tradição apostólica.

FUNDAMENTAÇÃO

Ainda que a expressão “Imaculada Conceição” não apareça explicitamente na Bíblia, suas bases estão nas Sagradas Escrituras. Logo no início do relato da história da Salvação, quando Deus amaldiçoou a serpente que havia induzido Adão e Eva ao pecado – “Porei inimizade entre ti e a mulher, entre a tua descendência e a dela. Esta te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar” (Gn 3,15) – a mulher mencionada é Nossa Senhora, que terá inimizade, ou seja, nenhuma semelhança, com a serpente autora do pecado, o diabo.

A saudação do Anjo a Maria – “Alegra-te, cheia de graça, o Senhor está contigo” (Lc 1,28) – ao anunciar que ela



seria a Mãe do Filho de Deus, é outra certeza da sacralidade da Virgem.

O *Catecismo da Igreja Católica* recorda que ao longo dos séculos “a Igreja tomou consciência de que Maria, ‘cumulada de graça’ por Deus, tinha sido redimida desde a sua conceição” (CIC 491), e que “este esplendor de uma ‘santidade de todo singular’ com que foi ‘enriquecida desde o primeiro instante da sua conceição’, vem-lhe totalmente de Cristo: foi ‘remida de um modo mais sublime, em atenção aos méritos de seu Filho. Mais do que toda e qualquer outra pessoa criada, o Pai a ‘encheu de toda a espécie de bênçãos espirituais, nos céus, em Cristo’ (Ef 1,3). ‘Ele a escolheu antes da criação do mundo, para ser, na caridade, santa e irrepreensível na sua presença’ (Ef 1,4)” (CIC 492).

O *Catecismo* menciona, ainda que os “Padres da tradição oriental chamam a Mãe de Deus ‘à toda santa’ (*Panaghia*)”, celebram-na como ‘imune de toda a mancha

de pecado, visto que o próprio Espírito Santo a modelou e dela fez uma nova criatura’. Pela graça de Deus, Maria manteve-se pura de todo o pecado pessoal ao longo de toda a vida” (CIC 493).

A Imaculada Conceição é um dos quatro dogmas marianos. Os outros três são sua maternidade divina (Mãe de Deus), a virgindade perpétua e a assunção ao céu.

OS SANTOS A PROCLAMAM IMACULADA

Séculos antes da proclamação do dogma da Imaculada Conceição, a festa litúrgica da Imaculada Conceição foi instituída pelo Papa Sisto IV, em 1477.

Ainda na Idade Média, Santo Anselmo (1033 - 1109) enfatizava: “A Virgem, a quem Deus resolveu dar Seu Filho Único, tinha de brilhar em uma pureza que ofuscasse a de todos os anjos e de todos os homens e fosse a maior imaginável abaixo de Deus”.

Também São Bernardo de Claraval (1090–1153) destacava que “a Imaculada Conceição revela a magnificência da graça divina que preservou Maria do pecado original, tornando-a digna de gerar o Salvador”.

O franciscano Duns Escoto (1266-1308) defendeu veementemente a “redenção preventiva” de Maria, argumentando que seria incoerente que a Mãe de Cristo estivesse sob o pecado original.

Séculos depois, Santo Afonso Maria de Ligório (1696–1787) observava: “Maria tinha de ser medianeira de paz entre Deus e os homens. Logo, absolutamente não podia aparecer como pecadora e inimiga de Deus, mas só como Sua amiga, toda imaculada”.

No Brasil, a devoção à Imaculada Conceição de Maria foi propagada desde o princípio da colonização. A imagem de Aparecida que os pescadores encontraram no rio Paraíba do Sul, em 1717, por exemplo, era de Nossa Senhora da Conceição.

Santo Antônio de Sant’Ana Galvão (1739-1822), em abril de 1761, vivendo já na capital paulista, fez a profissão solene e o juramento de se empenhar na defesa da Imaculada Conceição de Maria. “Peço-vos pela paixão, morte e chagas do Vosso Filho, pela Vossa pureza e Conceição Imaculada”, era uma das orações que ele ensinava a todo o povo.

Livraria Loyola
sempre um bom livro para você
.com.br

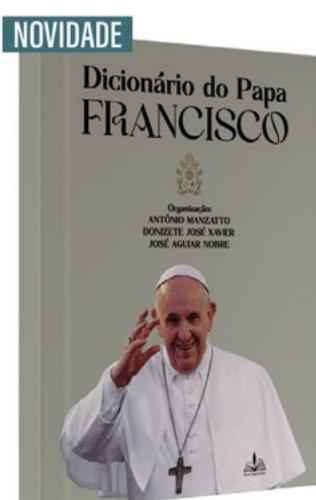
Loja Senador
R. Senador Feijó, 120 - Centro
São Paulo, SP - CEP 01006-000
WhatsApp (11) 97206-5764
lojasenador03@livrarialoyola.com.br

Loja Quintino
R. Quintino Bocaiúva, 234 - Centro
São Paulo, SP - CEP 01004-010
WhatsApp (11) 95395-8927
lojaquintino05@livrarialoyola.com.br

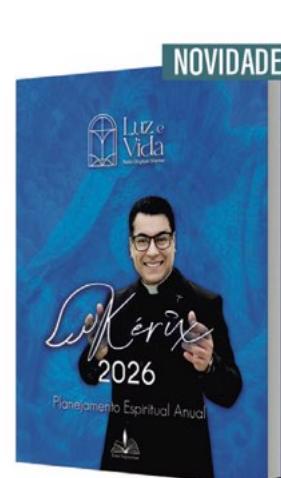
Loja Santos
R. Padre Visconti, 08 - Embaré
Santos, SP - CEP 110040-150
WhatsApp (11) 97206-5764
lojasantos04@livrarialoyola.com.br

Loja Campinas
R. Barão de Jaguara, 1389 - Centro
Campinas, SP - CEP 13015-002
WhatsApp (19) 3236-3567
lojacampinas03@livrarialoyola.com.br

A LIVRARIA MAIS COMPLETA DO BRASIL EM LIVROS E ARTIGOS CATÓLICOS



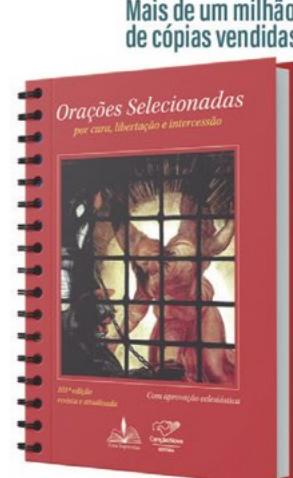
Dicionário do Papa Francisco
De: R\$ 220,00
Por: R\$ 198,00



Planejamento Espiritual Anual
Pe. Chrystian Shankar
De: R\$ 148,00
Por: R\$ 133,20



Retiro de Advento e Natal 2025
De: R\$ 19,00
Por: R\$ 15,20



Orações Selecionadas
De: R\$ 26,90
Por: R\$ 21,52



Para pedidos ligue: (11) 3105-7198 / 98459-5171 ou acesse: www.livrarialoyola.com.br

Mais de um milhão de cópias vendidas

Os Novíssimos: a nossa história não acaba aqui e isso é motivo de extrema alegria!

REDAÇÃO
osaopaulo@uol.com.br

A Igreja Católica, no mês de novembro, recorda os falecidos, sempre de forma especial: no dia 1º é celebrada a Solenidade de Todos os Santos e, no dia 2, a Comemoração de Todos os Fiéis Defuntos.

Já no Advento, além de nos preparar para a solenidade da natividade de Jesus, a liturgia nos recorda da segunda vinda de Cristo, o fim dos tempos e o Juízo Universal.

E por mais que essas celebrações já estejam consolidadas na fé de todos os católicos, muitos ainda possuem questões quanto à realidade das “últimas coisas”, também chamadas de “Novíssimos”. Nesta reportagem, tratamos de seus principais aspectos. A íntegra pode ser lida no site do O SÃO PAULO, em <https://osaopaulo.org.br/catequese>.

A Morte

Entre os Novíssimos, o primeiro que cada pessoa terá de viver é justamente a morte. Em linhas gerais, pode-se definir-a como a separação da alma e do corpo, fazendo com que nossa matéria caia paulatinamente na corrupção enquanto nosso espírito vai ao encontro de Deus. Ela é uma realidade decorrida do pecado original e do cumprimento da pena que Ele havia imposto caso Adão e Eva comessem da árvore proibida. Dessa forma, como destacado na Quarta-feira de Cinzas, impõe-se as palavras “porque tu és pó e ao pó hás de voltar” (Gn 3,19).

A morte, inerente a todo ser humano, é algo para a qual devemos nos preparar e, estando preparados, ser motivo de uma grande felicidade: finalmente, iremos nos encontrar com Deus! Diferentemente do que muitas pessoas pensam, nós não ganharemos uma “nova” vida; sendo sempiterna, nossa vida passará apenas ao seu estado final e, então, fruirá por todos os séculos dos séculos do amor divino, conforme o amor terreno com que amou a Deus.

O Juízo Particular

Para isso, no entanto, precisamos primeiramente passar pelo juízo particular. Ele pode ser definido como o julgamento individual que cada pessoa terá após morrer, “em função de suas obras e de sua fé” (*Catecismo da Igreja Católica* - CIC,1021). Este julgamento, que ocorre imediatamente após a morte, já determina de forma definitiva o destino de cada pessoa: ou ela será eternamente condenada ou será eternamente salva. Aqui vale ressaltar que, por mais que Deus seja infinita misericórdia, o tempo da misericórdia é o de nossa vida terrena; após morrermos, não há mais espaço para arrependimento ou pedido de perdão.

Para as almas condenadas, o destino é o *Inferno*, que não é algo querido por Deus nem sequer criado por Ele – assim como



o pecado, esta é uma realidade permitida pelo Senhor, mas com origem nos anjos insubmissos ao se rebelarem contra seu Criador. Deus, sendo infinita bondade, não obriga aqueles que O rejeitam a permanecer com Ele. Sendo assim, o Inferno nada mais é do que “um estado de autoexclusão definitiva da comunhão com Deus e com os bem-aventurados” (CIC,1034).

Já as almas salvas podem percorrer dois diferentes “caminhos”. O primeiro deles, reservado às já purificadas de seus pecados, é o de ir diretamente ao Céu. É lá que teremos a plena comunhão com a Santíssima Trindade, com a Virgem Maria e todos os outros bem-aventurados. Também no céu, poderemos contemplar Deus em sua glória celeste, o que chamamos de visão beatífica, fonte de infinita felicidade.

O segundo caminho, reservado àqueles que morreram em amizade com Deus – também conhecido como estado de graça –, mas que não pagaram em vida as penas de seus pecados por meio de penitências, é o do *Purgatório*. É aqui que, “embora tenham garantida sua salvação eterna, passam, após sua morte, por uma purificação, a fim de obter a santidade necessária para entrar na alegria do céu” (CIC,1030). Essa realidade é necessária, pois sombra alguma de pecado pode estar em comunhão com a Santíssima Trindade, motivo pelo qual é necessário que sejam todos purgados previamente antes de habitar no Paraíso.

Portanto, o sentido de nossas vidas se dá, paradoxalmente, tendo sempre em mente o momento de nossa morte. Por isso, temos a urgente necessidade de formação de uma boa consciência, a fim de direcionarmos nossos pensamentos e ações a tudo aquilo que é Bom, Belo e Verdadeiro e ao que nos aproxima de Deus. Assim, as melhores ferramentas para garantirmos que estamos seguindo a “direção correta” são o exame de consciência diário e as Confissões frequentes.

O Juízo Final

Para que seja plenamente perfeita a justiça divina, é necessário ter um último julgamento no fim dos tempos, e isso se deve a quatro razões diferentes.

Ressurreição dos corpos: para que possamos viver a eternidade segundo nossa natureza – corpo e alma – seremos primeiramente ressuscitados para, então, sermos apresentados a Jesus Cristo juiz. Com isso, no Juízo Final, “todos os que estão no túmulo ouvirão sua voz, e sairão. Aqueles que fizeram o bem ressuscitarão para a vida; e aqueles que praticaram o mal, ressuscitarão para a condenação” (Jo 5,28-29).

Julgamento da consequência de nossos atos: quando a história do mundo estiver completa, também seremos julgados pelas consequências de nossos atos. O rastro bom ou mau que tivermos deixado para além de nosso tempo terreno também será levado a juízo: “O Juízo

Final há de revelar, até as últimas consequências, o que alguém tiver feito de bem ou deixado de fazer durante a vida terrestre” (CIC,1039).

Reabilitação das reputações: como seres humanos, especialmente depois do pecado original, somos sujeitos ao erro e à manipulação. Não é de se estranhar, portanto, que ao longo da história cometéssemos infinitos erros com relação ao caráter das pessoas, fazendo-as morrer com uma imerecida má fama. Analogamente, também são muitos aqueles que vivem uma vida depravada, cheia de maus exemplos e escândalos, mas que, mesmo assim, continuam sendo falsamente reconhecidos como pessoas virtuosas após sua morte. Nos dois casos, o dia do Juízo Final haverá de reabilitar as reputações de cada um conforme a verdade de sua conduta. Os justos difamados serão, então, publicamente reconhecidos como bons, e os injustos admirados receberão publicamente a merecida vergonha e ignomínia.

Bondade da Providência: freqüentemente, nos perguntamos o porquê de algumas coisas acontecerem. “Como pode Deus permitir que aquela criança tenha uma doença tão horrível? Por que Deus deixa que ideologias tão maléficas triunfem nas mais diversas nações? Como é possível que as pessoas más não recebam punição alguma por todos os males que causam”? No dia do Juízo Final, contudo, todas essas dúvidas serão esclarecidas. Este será o dia em que veremos como a bondosa mão do Senhor guiava todos os nossos passos e permitia até as coisas mais aparentemente nefastas unicamente para o nosso bem. Tudo aquilo que nos confunde, tenta a nossa fé e nos desmotiva ficará transparente à Verdade de Deus. Ali, “conheceremos o sentido último de toda a obra da criação e de toda a economia da salvação, compreenderemos os caminhos admiráveis pelos quais sua Providência terá conduzido tudo para seu fim último. O Juízo Final revelará que a justiça de Deus triunfa de todas as injustiças cometidas por suas criaturas e que seu amor é mais forte do que a morte” (CIC,1040).

NADA SERÁ EM VÃO

Vivamos, portanto, com fé, esperança e caridade, sabendo que todas as nossas boas ações, orações e sacrifícios não serão em vão. A realidade dos Novíssimos faz-nos indescritivelmente felizes: saber que nossa história não acaba aqui, que este mundo de sofrimento não é o fim, é motivo de extrema alegria! Que nós persigamos todos os dias cumprir a vontade de Deus com amor sincero, espelhando-nos sempre no exemplo da santíssima Virgem Maria, que não apenas realizou em tudo a vontade de Deus – “Faça-se em mim segundo a Tua palavra” (Lc 1,38) –, como também ensina a Igreja inteira a fazer o mesmo: “Fazei tudo o que Ele vos disser” (Jo 2,5).

Os 280 anos da Diocese de São Paulo: uma história de fé que moldou a maior metrópole brasileira

FERNANDO GERONAZZO
ESPECIAL PARA O SÃO PAULO

Em 6 de dezembro de 1745, por meio da bula *Candor lucis aeternae*, o Papa Bento XIV instituiu a Diocese de São Paulo, desmembrando-a da então Diocese de São Sebastião do Rio de Janeiro. Dom Bernardo Rodrigues Nogueira, seu primeiro bispo, recebeu a missão de organizar aquela nova circunscrição eclesiástica em uma área que vivia forte expansão territorial e populacional. Sua criação representou um marco institucional, fortalecendo a presença da Igreja e contribuindo para a formação do tecido social da região que mais tarde se consolidaria como a maior metrópole do País.

A estrutura diocesana permitiu organizar as comunidades, instalar paróquias e ampliar espaços de acolhimento aos pobres, órfãos e enfermos. Dessa forma, a Igreja se fez presença em áreas distantes e desafiadoras, influenciando diretamente os aspectos culturais, assistenciais e espirituais da vida paulistana ao longo dos séculos.

Em 7 de junho de 1908, o Papa Pio X elevou a Diocese à categoria de Arquidiocese e sede metropolitana, criando simultaneamente dioceses no estado. O crescimento populacional e a urbanização exigiam maior capilaridade e organização pastoral. Desde então, sete arcebispos se sucederam no governo da Arquidiocese: Dom Duarte Leopoldo e Silva, Dom José Gaspar D'Afonseca e Silva, e os Cardeais Carlos Carmelo de Vasconcelos Motta, Agnelo Rossi, Paulo Evaristo Arns, Cláudio Hummes e, desde 2007, Odilo Pedro Scherer.

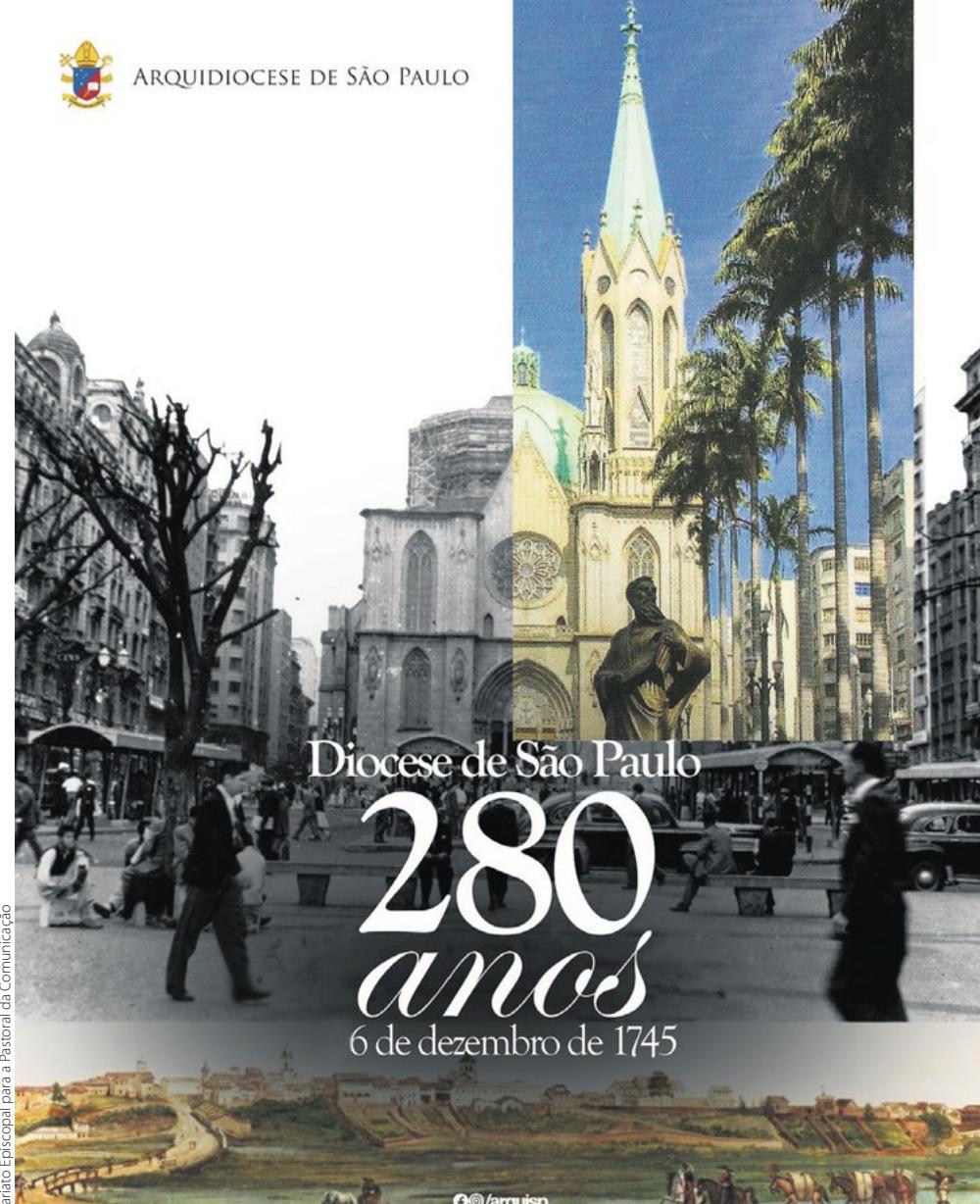
RELIGIOSOS E DESENVOLVIMENTO

Ordens e congregações religiosas tiveram participação fundamental na construção histórica da Igreja em São Paulo. Os jesuítas foram pioneiros na evangelização e educação, criando colégios e contribuindo para o desenvolvimento artístico, literário e científico da região. Os beneditinos consolidaram o Mosteiro de São Bento como centro de espiritualidade e cultura, destacando-se no ensino da música sacra. Os franciscanos se dedicaram especialmente ao atendimento dos pobres, difundindo devoções que marcaram a religiosidade popular.

Com a chegada de imigrantes europeus, no final do século XIX, congrega-



ARQUIDIÓCESE DE SÃO PAULO



ções como os scalabrinianos dedicaram-se ao acolhimento dos recém-chegados, preservando sua identidade cultural e fortalecendo a integração comunitária. Ao longo do tempo, diversos carismas religiosos, aliados a movimentos leigos, ampliaram a ação missionária na capital.

EDUCAÇÃO, FORMAÇÃO E CARIDADE

A educação sempre esteve no centro da missão da Igreja em São Paulo. Escolas e colégios religiosos contribuíram para a formação de gerações, sustentados por valores éticos e cristãos. Em 1946, a fundação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) reforçou a presença eclesial no ensino superior, tornando-se referência na reflexão acadêmica e nos debates sociais. A formação dos presbíteros também foi consolidada com o Seminário Provincial, inaugurado em 1856, que preparou numerosos sacerdotes para a Arquidiocese e para outras regiões do País.

No campo da caridade, a Igreja desenvolveu iniciativas permanentes de assistência aos mais vulneráveis, especialmente em períodos de crise e desigualdade. Obras sociais, pastorais e ins-

tuições atuaram na defesa dos direitos e na promoção da dignidade humana, missão que continua atual.

SANTOS E TESTEMUNHOS DE FÉ

Entre as figuras marcantes da missão evangelizadora na região está São José de Anchieta (1534–1597), jesuíta canonizado em 2014, reconhecido como um dos principais responsáveis pela consolidação da fé católica no território paulista. Missionário, poeta, educador e defensor dos povos indígenas, Anchieta teve presença determinante na fundação e desenvolvimento das primeiras comunidades e instituições religiosas, contribuindo para os fundamentos culturais, espirituais e educativos da cidade de São Paulo.

A santidade paulistana também se expressa por figuras como Santo Antônio de Sant'Ana Galvão (1739–1822), o primeiro santo nascido no Brasil, que se dedicou à vida pastoral e à devoção mariana, sendo um dos fundadores do Mosteiro da Luz. Santa Paulina do Coração Agonizante de Jesus (1865–1942) destacou-se pela caridade aos pobres e doentes. A Beata Assunta Marchetti (1871–1948) cuidou de órfãos e imigrantes; enquanto o Beato Mariano de la

Mata (1905–1983) se notabilizou pela evangelização, educação e auxílio aos enfermos. Esses exemplos constituem parte essencial da memória da fé na cidade.

A IGREJA E A METRÓPOLE

O crescimento urbano e a complexidade social de São Paulo exigiram adaptações pastorais constantes. Em 1989, foram criadas as Dioceses de Campo Limpo, Osasco, Santo Amaro e São Miguel Paulista, com o objetivo de descentralizar as ações da Igreja e ampliar sua presença nas periferias. Hoje, estima-se que cerca de 80% da população da capital se identifique como católica, com atuação de aproximadamente 1,5 mil padres e mais de 2,3 mil religiosas consagradas na Arquidiocese e nas dioceses da metrópole.

MEMÓRIA E COMPROMISSO

A celebração dos 280 anos da Igreja Particular de São Paulo convida toda a Arquidiocese a render graças a Deus pela trajetória percorrida e pelos frutos de evangelização ao longo de quase três séculos. O jubileu também convoca à conversão pastoral e à renovação das disposições para seguir em frente no caminho do Evangelho, com espírito de comunhão e serviço.

Em artigo publicado no **O SÃO PAULO** em 22 de janeiro deste ano, o Cardeal Odilo Pedro Scherer recordou que este é um Ano Santo voltado “especialmente à ação de graças a Deus pelos benefícios recebidos, à conversão a Deus, para acolher a Sua misericórdia infinita e para renovar os propósitos bons e as disposições para seguir em frente no bom caminho”.

O tema jubilar proposto – “Somos peregrinos de esperança” – ilumina o sentido desta celebração histórica. Conforme recorda o Arcebispo, trata-se de uma esperança que “não decepciona”, porque tem seu fundamento em Deus. Ele enfatiza: “A Igreja é peregrina de esperança, testemunha da esperança grande e firme, que tem seu fundamento em Deus”. Assim, a comemoração dos 280 anos da Diocese de São Paulo torna-se oportunidade privilegiada para fortalecer o ânimo cristão e missionário, e para que todo o povo de Deus na capital renove sua confiança na ação divina, permanecendo firme na fé e no compromisso de servir a sociedade com caridade e justiça.

10 de dezembro de 2025

EDIÇÃO 40



Use o QRCode
para acessar o
CADERNO Cultural
na Internet, com
mais artigos e
links citados.

Deus caritas est: o anúncio do amor para um mundo que não sabe amar

Arte: Sergio Ricciuto Conte



Francisco Borba
Ribeiro Neto*

Quando Bento XVI foi eleito papa, um jornal português, ouvindo um dos orientados de J. Ratzinger, o Padre Henrique Noronha Galvão, publicou o artigo “Um místico que acredita no amor”. Sem saber, antecipava o conteúdo da encíclica *Deus caritas est* (DCE), lançada no Natal de 2005.

Afirmado logo no início da encíclica, o encontro pessoal com Cristo não é, evidentemente, uma “novidade”, mas a formulação dada por Bento XVI supera claramente qualquer redução ideológica ou moralística: “Ao início do ser cristão, não há uma decisão ética ou uma grande ideia, mas o encontro com um acontecimento, com uma Pessoa que dá à vida um novo horizonte e, desta forma, o rumo decisivo [...] ‘Deus amou de tal modo o mundo que lhe deu o seu Filho único para que todo o que Nele crer (...) tenha a vida eterna’ (Jo 3,16). Com a centralidade do amor, a fé cristã acolheu o núcleo da fé de Israel e, ao mesmo tempo, deu a este núcleo uma nova profundidade e amplitude” (DCE 1). Com boas razões, a ideia de que “ao início do ser cristão, não há uma decisão ética ou uma grande ideia, mas o encontro com um acontecimento, com uma Pessoa” vem sendo repetida no seio da Igreja nas

Há 20 anos, no Natal de 2005, Bento XVI publicou a encíclica *Deus caritas est*. Erudita e com uma passagem discreta pela história, assim como seu autor, é um texto emblemático, que bem pode ser considerado um marco da transição do catolicismo do século XX para o XXI. Não apresenta reformas doutrinais ou “invenções teológicas”, mas sim um renovado olhar sobre a fé ao recentrá-la no amor.

últimas duas décadas. Por exemplo, o Papa Francisco volta a esta ideia em várias ocasiões, inclusive na *Evangelii gaudium* (EG 7) e os bispos latino-americanos citam-na no *Documento de Aparecida* (DAp 12). Para uma sociedade cansada de ideologias e de moralismos vazios, o encontro pessoal com Cristo representa uma forma nova e original de entender a religião e a própria vida – mesmo que seja tão antiga como o próprio Cristianismo.

A encíclica traz também uma sutil mudança no enfoque da Doutrina Social da Igreja. Não mudou, obviamente, a estrutura fundamental do magistério: Deus ama o ser humano, por isso o criou com dignidade pessoal inviolável, e todos devem se amar e respeitar mutuamente, reverberando esse amor divino. Contudo, a caridade, este amor gratuito carregado de ternura e solidariedade, tornou-se muito mais presente nos textos pontifícios posteriores. É um padrão que se repete nos documentos sociais de

Bento XVI, Francisco e, agora, de Leão XIV, com a exortação *Dilexi te*.

Comparando, vemos que as palavras caridade e amor aparecem na segunda parte da DCE (que é dedicada especificamente à Doutrina Social da Igreja), na *Caritas in veritate*, na *Fratelli tutti* e na *Dilexi te* com frequência de três a cinco vezes maior do que na *Centesimus annus*, a encíclica social de São João Paulo II que, proporcionalmente, mais usa essas palavras. Isso não significa que os papas do século XXI amem mais as pessoas do que seus antecessores, mas que, no contexto de nosso tempo, considerar o amor/caridade como fundamento do pensamento social cristão se torna cada vez menos óbvio e mais necessário para o anúncio cristão – e Bento XVI foi aquele que primeiro se deu conta disso.

A percepção da própria dignidade, idealmente, vincula-se a um sentimento empático pelo qual reconhecemos a dignidade do outro. Mas o drama dos refugiados ou a situação dos morado-

res de rua mostram como essa empatia nem sempre se manifesta e é modulada por estímulos ideológicos e pela própria situação de cada um,

A dignidade é constitutiva do ser humano, mas não é instintiva ou automática, ou mesmo uma construção social. É uma descoberta: descobrimo-nos dignos ao longo de nosso amadurecimento pessoal. Sou digno, e reconheço a dignidade dos demais, porque sou amado. Sem a experiência de ser amado — ou diante da experiência de ser “mal-amado” — a dignidade pessoal não se manifesta adequadamente, gerando ansiedade, depressão, baixa autoestima e individualismo antisocial, muitas vezes violento.

É a experiência de um amor gratuito, justamente aquilo que denominamos “caridade”, que gera uma concepção adequada da dignidade pessoal, que reconhece os próprios direitos, ao mesmo tempo em que se revela empática e solidária com a dignidade dos demais. Em uma sociedade na qual o individualismo gera uma solidão angustiante, e a luta pelo reconhecimento dos próprios direitos parece sufocar a solidariedade, Bento XVI percebeu a necessidade de uma justa compreensão e educação ao amor, para que nos tornemos conscientes de sermos “bem-amados”.

A realização do amor humano à luz do amor de Deus

Donato_Montorfano Crucificação (detalhe). Mosteiro Santa Maria das Graças, Milão. Fonte: Wikimedia



Por que sofremos tanto com o amor? Há séculos, as pessoas lutam pelo direito de amar livremente, se casar com quem desejam, receber amor daqueles que são importantes para elas... Ganhamos, com certeza, o direito de reconhecer o fracasso do amor, terminando os relacionamentos, denunciando o egoísmo daqueles que supostamente nos amam e assim por diante... Mas aquilo que nosso coração realmente deseja, que é nos realizarmos no amor, continua sendo difícil. Sem condenar, mas sim valorizando tanto o eros quanto o amor romântico, Bento XVI, nos trechos da **Deus caritas est** selecionados a seguir, nos mostra o caminho para a plena realização do amor.

Redação

O termo “amor” tornou-se hoje uma das palavras mais usadas e mesmo abusadas, à qual associamos significados completamente diferentes [...] Porém, o amor entre o homem e a mulher, no qual concorrem indivisivelmente corpo e alma e se abre ao ser humano uma promessa de felicidade que parece irresistível, sobressai como arquétipo de amor por excelência, de tal modo que, comparados com ele, à primeira vista todos os demais tipos de amor se ofuscam. (**Deus caritas est**, DCE 2).

“Eros” e “agape”. Ao amor entre homem e mulher, que não nasce da inteligência e da vontade, mas, de certa forma, impõe-se ao ser humano, a Grécia antiga deu o nome de *eros* [...] Segundo Nietzsche, o Cristianismo teria dado veneno a beber ao *eros* [...] Com os seus mandamentos e proibições, a Igreja não nos torna porventura amarga a coisa mais bela da vida?

Mas, será mesmo assim? O Cristianismo destruiu verdadeiramente o *eros*?

Entre o amor e o Divino existe uma relação: o amor promete o infinito, a eternidade – uma realidade maior e totalmente diferente do dia a dia da

nossa existência [...] mas] o caminho para tal meta não consiste em deixar-se simplesmente subjugado pelo instinto. São necessárias purificações e amadurecimentos, que passam também pela estrada da renúncia. Isto não é rejeição do *eros*, não é o seu “envenenamento”, mas a cura em ordem à sua verdadeira grandeza [...] Se o homem aspira a ser somente espírito e quer rejeitar a carne como uma herança apenas animalesca, então espírito e corpo perdem a sua dignidade. E se ele, por outro lado, renega o espírito e consequentemente considera a matéria, o corpo, como realidade exclusiva, perde igualmente a sua grandeza [...].

Ao longo do *Cântico dos Cânticos*, encontram-se duas palavras distintas para designar o “amor”. Primeiro, aparece a palavra *dodim*, um plural que exprime o amor ainda inseguro, em uma situação de procura indeterminada. Depois, esta palavra é substituída por *ahabà*, que, na versão grega do Antigo Testamento, é traduzida pelo termo de som semelhante *agape* [...] Este vocábulo exprime a experiência do amor que agora se torna verdadeiramente descoberta do outro, superando, assim, o caráter egoísta que antes claramente prevalecia. Agora o amor torna-se cuidado do outro e pelo outro. Já não se busca a si próprio, não busca a imersão

no inebriamento da felicidade; procura, ao invés, o bem do amado: torna-se renúncia, está disposto ao sacrifício, antes procura-o.

Faz parte da evolução do amor para níveis mais altos, para as suas íntimas purificações, que ele procure agora o caráter definitivo, e isto em um duplo sentido: da exclusividade – “apenas esta única pessoa” – e de ser “para sempre” [...] O amor visa à eternidade. Sim, o amor é “extase”, não no sentido de um instante de inebriamento, mas como caminho, como êxodo permanente do eu fechado em si mesmo para a sua liberação no dom de si e, precisamente dessa forma, para o reencontro de si mesmo, mais ainda para a descoberta de Deus [...].

Eros e *agape* nunca se deixam separar completamente um do outro. Quanto mais encontrarem a justa unidade, embora em distintas dimensões, na única realidade do amor, tanto mais se realiza a verdadeira natureza do amor em geral. Embora o *eros* seja inicialmente sobretudo ambicioso, ascendente — fascinação pela grande promessa de felicidade — depois, à medida que se aproxima do outro, far-se-á cada vez menos perguntas sobre si próprio, procurará sempre mais a felicidade do outro, preocupar-se-á cada vez mais dele, doar-se-á e dese-

jará “existir para” o outro. Assim, se insere nele o momento da *agape*; caso contrário, o *eros* decai e perde mesmo a sua própria natureza. Por outro lado, o homem também não pode viver exclusivamente no amor oblativo, descendente. Não pode limitar-se sempre a dar, deve também receber. Quem quer dar amor, deve ele mesmo recebê-lo em dom [...] Deve ele mesmo beber incessantemente da fonte primeira e originária que é Jesus Cristo, de cujo coração trespassado brota o amor de Deus (cf. Jo 19,34).

(DCE 3-7)

O amor humano a partir do amor de Deus. Deus é absolutamente a fonte originária de todo o ser; mas este princípio criador de todas as coisas — o *Logos*, a razão primordial — é, ao mesmo tempo, um amante com toda a paixão de um verdadeiro amor [...] Existe uma unificação do homem com Deus — o sonho originário do homem —, mas esta unificação não é confundir-se, um afundar no oceano anônimo do Divino; é unidade que cria amor, na qual ambos — Deus e o homem — permanecem eles mesmos, mas tornando-se plenamente uma coisa só [...].

O olhar fixo no lado trespassado de Cristo, de que fala João (cf. 19,37), comprehende o que serviu de ponto de partida a esta carta encíclica: “Deus é amor” (1 Jo 4,8). É lá que esta verdade pode ser contemplada [...] A partir daquele olhar, o cristão encontra o caminho do seu viver e amar.

Jesus deu a este ato de oferta uma presença duradoura por meio da instituição da Eucaristia durante a Última Ceia [...] A Eucaristia arrasta-nos no ato oblativo de Jesus [...] O que era um estar na presença de Deus torna-se agora, por meio da participação na doação de Jesus, comunhão no seu corpo e sangue, torna-se união.

A “mística” do Sacramento tem um caráter social, porque, na comunhão sacramental, eu fico unido ao Senhor como todos os demais comungantes [...] Eu não posso ter Cristo só para mim; posso pertencer-Lhe somente unido a todos aqueles que se tornaram ou tornarão Seus [...] O “mandamento” do amor só se torna possível porque não é mera exigência: o amor pode ser “mandado”, porque antes nos é dado [...].

Na liturgia da Igreja, na sua oração, na comunidade viva dos crentes, nós experimentamos o amor de Deus, sentimos a sua presença e aprendemos deste modo também a reconhecê-la na nossa vida cotidiana. Ele amou-nos primeiro, e continua a ser o primeiro a amar-nos; por isso, também nós podemos responder com o amor. Deus não nos ordena um sentimento que não possamos suscitar em nós próprios. Ele ama-nos, faz-nos ver e experimentar o Seu amor, e desta “antecipação” de Deus pode, como resposta, desponhar também em nós o amor.

(DCE 10-17)

Um coração que vê: a caridade e a identidade da Igreja

Redação

“Se vês a caridade, vês a Trindade” – escrevia Santo Agostinho [...] Quando morreu na cruz, Jesus — como indica o evangelista — “entregou o Espírito” (cf. Jo 19,30), prelúdio daquele dom do Espírito Santo que Ele havia de realizar depois da Ressurreição (cf. Jo 20,22) [...] O Espírito é aquela força interior que harmoniza nossos corações com o de Cristo e leva-nos a amar os irmãos como Ele os amou [...] É força que transforma o coração da comunidade eclesial, para ser, no mundo, testemunha do amor do Pai [...] Toda a atividade da Igreja é manifestação de um amor que procura o bem integral do ser humano, a sua evangelização por meio da Palavra e dos Sacramentos, sua promoção nos vários âmbitos da vida ([Deus caritas est](#), DCE 19).

A caridade é dever da Igreja. O amor ao próximo, radicado no amor de Deus, é um dever antes de mais para cada um dos fiéis, e, também, para a comunidade eclesial inteira, desde aquela local, passando pela Igreja particular até à Igreja universal [...]

A natureza íntima da Igreja exprime-se em um tríplice dever: anúncio da Palavra de Deus (*kerygma-martyria*), celebração dos Sacramentos (*leiturgia*), e serviço da caridade (*diakonia*). Para a Igreja, a caridade não é uma espécie de atividade de assistência social que se poderia mesmo deixar a outros, mas pertence à sua natureza, é expressão irrenunciável da sua própria essência.

A Igreja é a família de Deus no mundo. Nesta família, não deve haver ninguém que sofra por falta do necessário. Ao mesmo tempo, porém, a *caritas-agape* estende-se para além das fronteiras da Igreja; a parábola do bom Samaritano permanece como critério de medida, impondo a universalidade do amor que se inclina para o necessitado encontrado “por acaso” (cf. Lc 10,31), seja ele quem for.

(DCE 20-25)

Justiça e caridade. Desde o século XIX, vemos levantar-se contra a atividade caritativa da Igreja uma objeção. Os pobres – diz-se – não teriam necessidade de obras de caridade, mas de justiça [...] É verdade que a norma fundamental do Estado deve ser a prossecução da justiça e que a finalidade de uma justa ordem social é garantir a cada um, no respeito do princípio da subsidiariedade, a própria parte nos bens comuns [...]

A justa ordem da sociedade e do Estado é dever central da política [...] A Igreja não pode nem deve tomar nas suas próprias mãos a batalha política para realizar a sociedade mais justa possível. Mas também não pode nem deve ficar à margem na luta pela justiça [...]

O amor — *caritas* — será sempre necessário, mesmo na sociedade mais



Nas passagens a seguir da [Deus caritas est](#), Bento XVI explica que a Igreja tem um dever triplamente inseparável: o anúncio da Palavra, a celebração dos Sacramentos e o serviço da caridade. Aponta, ainda, que o amor deve animar os leigos em sua atividade política, vivida como “caridade social”, conceito aprofundado depois pelo Papa Francisco, com o termo “amor político”, na [Fratelli tutti](#) (FT 180ss).

justa. Não há qualquer ordenamento estatal justo que possa tornar supérfluo o serviço do amor. Quem quer desfazer-se do amor, prepara-se para se desfazer do ser humano enquanto ser humano. Sempre haverá sofrimento que necessita de consolação e ajuda. Haverá sempre solidão. Existirão sempre, também, situações de necessidade material, para as quais é indispensável uma ajuda na linha de um amor concreto ao próximo. Um Estado que queira prover a tudo e tudo açambarque torna-se, no fim de contas, uma instância burocrática, que não pode assegurar o essencial de que o ser humano sofredor – todo ser humano – tem necessidade: a amorosa dedicação pessoal [...]

O dever imediato de trabalhar por uma ordem justa na sociedade é próprio dos fiéis leigos. Estes, como cidadãos do Estado, são chamados a participar pessoalmente na vida pública. Não podem, pois, abdicar “da múltipla e variada ação econômica, social, legislativa, administrativa e cultural, destinada a promover orgânica e institucionalmente o bem comum” [...] Embora as manifestações específicas da caridade eclesial nunca possam confundir-se com a atividade do Estado, no entanto, a verdade é que a caridade deve animar a existência

inteira dos fiéis leigos e, consequentemente, também a sua atividade política vivida como “caridade social” [...]

(DCE 26-29)

O perfil da atividade caritativa da Igreja. É muito importante que a atividade caritativa da Igreja mantenha todo o seu esplendor e não se dissolva na organização assistencial comum, tornando-se uma simples variante da mesma.

A caridade cristã é, em primeiro lugar, simplesmente a resposta àquilo que, em uma determinada situação, constitui a necessidade imediata: os famintos devem ser saciados, os nus vestidos, os doentes tratados para se curarem, os presos visitados etc. [...] os que trabalham nas instituições caritativas da Igreja devem distinguir-se pelo fato de que não se limitam a executar habilidamente a ação conveniente naquele momento, mas dedicam-se ao outro com as atenções sugeridas pelo coração, de modo que ele sinta a sua riqueza de humanidade. Por isso, para tais agentes, além da preparação profissional, requer-se também e, sobretudo, a “formação do coração”: é preciso levá-los àquele encontro com Deus em Cristo que neles suscite o amor e abra o seu íntimo ao outro de tal modo que, para eles, o

amor ao próximo já não seja um mandamento por assim dizer imposto de fora, mas uma consequência resultante da sua fé que se torna operativa pelo amor (cf. Gal 5,6).

A atividade caritativa cristã deve também ser independente de partidos e ideologias. Não é um meio para mudar o mundo de maneira ideológica, nem está a serviço de estratégias mundanas, mas é atualização, aqui e agora, daquele amor de que o homem sempre tem necessidade [...] O programa do cristão – o programa do bom Samaritano, o programa de Jesus – é “um coração que vê”. Este coração vê onde há necessidade de amor, e atua em consequência [...]

Além disso, a caridade não deve ser um meio em função daquilo que hoje é indicado como proselitismo. O amor é gratuito; não é realizado para alcançar outros fins. Isso, porém, não significa que a ação caritativa deva, por assim dizer, deixar Deus e Cristo de lado. Sempre está em jogo o ser humano em sua totalidade. Muitas vezes, é precisamente a ausência de Deus a raiz mais profunda do sofrimento. Quem realiza a caridade em nome da Igreja, nunca procurará impor aos outros a fé da Igreja. Sabe que o amor, na sua pureza e gratuidade, é o melhor testemunho do Deus em que acreditamos e pelo qual somos impelidos a amar. O cristão sabe quando é tempo de falar de Deus e quando é justo não o fazer, deixando falar somente o amor. Sabe que Deus é amor (cf. 1 Jo 4,8) e torna-Se presente precisamente nos momentos em que nada mais se faz a não ser amar.

(DCE 31)

Terminado o Jubileu, a esperança continua

Francisco Borba
Ribeiro Neto*

Recentemente, [falando aos libaneses](#), Leão XIV associou a esperança à resiliência diante dos dramas da vida. Os que lutam pela paz são animados pela esperança, disse ele. Passadas as comemorações do Jubileu, somos chamados a viver nossas vidas com esta resiliência, que pode ser cheia de letícia mesmo na provação. Francisco tinha razão quando escolheu o tema da esperança para este Jubileu de 2025. A humanidade toda, não apenas os libaneses ou as vítimas de guerras e catástrofes, precisa de esperança.

Contudo, mesmo depois de quase um ano de reflexão, ainda nos é difícil entender a esperança cristã. Frequentemente, a confundimos com uma ilusória “força do pensamento positivo”. Imaginamos que as coisas boas acontecerão se as desejarmos com intensidade ou que, se nos esforçarmos bastante, nossos méritos serão recompensados já nesta vida. Tais expectativas algumas vezes se realizam, outras vezes não...

A “esperança que não decepciona” é algo diverso das expectativas do pensamento positivo. Ela se realizará plenamente na vida eterna,

Estamos chegando ao final deste Jubileu da Esperança: entre 25 de dezembro e 6 de janeiro, serão fechadas todas as Portas Santas abertas para este evento. Há uma certa nostalgia neste momento. Francisco, que nos exortou a experimentar a misericórdia e a esperança, não está mais entre nós. Para o fitarmos, temos que voltar nossos olhos para a infinitude de Deus – é lá, do lugar que Ele guardou para aqueles que O amaram neste mundo, que o Papa argentino, com seus antecessores, nos observa, certamente desejoso de que nós também caminhemos ao encontro de Cristo em nossas vidas.

mas – como lembrava Bento XVI na *Spe salvi* (SS 7), já nos dá algo nesta vida, um rebento que confirma a promessa. Subsiste mesmo na dor e na dificuldade – aliás, se revela, em toda a sua força e beleza, em meio às dores e sofrimentos. Vemos esta esperança presente justamente quando encontramos aqueles que vivem suas dificuldades com letícia, essa alegria serena e profunda, típica da fé.

Mas pode haver alegria mesmo na provação? Podemos acreditar no bem, mesmo quando o mal parece triunfar? Estas perguntas desafiam o testemunho cristão ao longo dos séculos. A esperança cristã não é aquela de que o mal, as dores e as provações desaparecerão, de que as coisas más

não acontecerão. Elas estão aqui, nos cercam, acontecem com bons e com maus. É uma necessidade e um dever moral lutarmos contra elas. Isso não garante que as coisas irão terminar da forma como desejamos. Nossa esperança não é a de não sofrer, mas sim a de passar pelas dificuldades na companhia de Cristo.

Deus corresponde ao grande anseio de nosso ser, fomos feitos para Ele e nosso coração só Nele repousa, como bem notou Santo Agostinho. Nossa esperança é a certeza de que já O encontramos, que Ele nos acompanhará até o final desta vida e, ainda mais, na próxima – é a felicidade simples que nasce de não estarmos mais sozinhos, de podermos atravessar os momentos felizes e os desafiadores

Vatican Media



em companhia do grande Amor que nos realiza definitivamente. A esperança cristã, por isso, se fortalece na memória. Não é uma confiança cega em algo que vai acontecer, mas uma certeza que vai se consolidando por meio de uma infinidade de pequenos indícios que vão se avolumando ao longo de uma vida.

Assim, como diria o Papa Francisco, “na expectativa da vida eterna, caminhemos cantando; que as nossas lutas e a nossa preocupação não nos tirem a alegria da esperança” (cf. *Laudato si'*, LS 244).

* Sociólogo e biólogo, editor dos Cadernos Fé e Cultura e Fé e Cidadania do jornal O SÃO PAULO

Livros

Esperança, essa difícil virtude

Raúl Cesar
Gouveia Fernandes*

Não é fácil compreender a esperança cristã. Neste Jubileu da Esperança, o Papa Francisco nos ajudou a compreender que a esperança não pode ser entendida como se fosse apenas um vago otimismo com relação ao futuro. Uma abordagem tão superficial não se sustentaria diante das graves contradições com as quais somos constantemente defrontados. Afinal, como manter a esperança diante da pobreza, das guerras ou de tantos outros problemas que nos afligem e não parecem ter solução à vista? E ainda mais: é razoável depositar a esperança em nossos projetos, intenções ou capacidades pessoais, uma vez que somos tão fracos e incoerentes?

Um dos grandes méritos de *O Pórtico do Mistério da Segunda Virtude*, de Charles Péguy, é colocar claramente essas perguntas sem recorrer a soluções fáceis ou sentimentais. Longe de simplificar questão tão complexa, a obra apresenta uma longa reflexão, lírica e profunda, sobre o tema. É significativo que o livro tenha sido originalmente publicado em 1911, em um contexto histórico particularmente difícil: basta lembrar que a Primeira Guerra Mundial (conflito no qual o autor inclusive perderia a vida) começaria poucos

No encerramento do Jubileu da Esperança, proclamado pelo Papa Francisco para 2025, o público brasileiro é presenteado com uma obra-prima sobre o tema. Trata-se de O Pórtico do Mistério da Segunda Virtude, escrito pelo poeta francês Charles Péguy, há pouco mais de um século, tornou-se um clássico obrigatório da espiritualidade cristã, mas permanece pouco conhecida e lida no Brasil. Agora, uma nova tradução da obra foi publicada pela Editora Companhia Ilimitada.

anos depois. Não é por acaso, portanto, que Péguy inicia o poema declarando que a esperança é a mais difícil das virtudes teológicas, sendo motivo de espanto até para o próprio Deus.

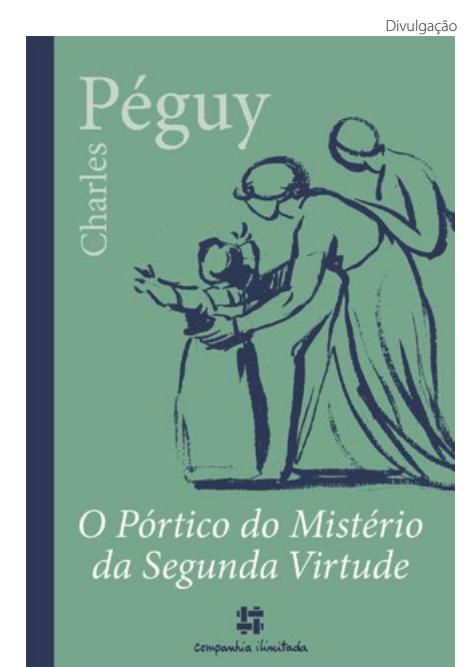
Aliás, no poema é Ele mesmo que toma a palavra, apresentando seu ponto de vista sobre a frágil e pequena esperança. Em vez de fornecer fórmulas prontas, tão ao gosto do público de hoje, o livro representa um convite à contemplação, ajudando os leitores a mirar a própria existência segundo o olhar de Deus, sem censurar suas dores, dificuldades e desafios.

Partindo de comovente interpretação das parábolas da ovelha desgarrada, da dracma perdida e do filho pródigo, o autor chega à esplêndida conclusão de que o primeiro a ser desafiado pela esperança é o próprio Deus. Renunciando à Sua onipotência, Ele deposita sua esperança no homem – em cada um de nós –,

ansioso que decidamos livremente retornar à casa do Pai. Foi para nos atrair a Si que Ele mesmo veio ao nosso encontro e aceitou submeter-se a nossos caprichos e até mesmo a nossa maldade. E ao final das contas é este Seu primeiro movimento, que precede qualquer iniciativa ou mérito nosso, que nos permite prosseguir esperançosamente o caminho da vida.

Não pretendemos apresentar aqui o resumo completo de um livro em tantos aspectos rico e surpreendente: desejamos, apenas, formular um convite à leitura pessoal da obra, exemplificando como as reflexões propostas pelo autor lançam novas luzes sobre questões acerca das quais muitas vezes não sabemos o que pensar.

Concluímos ressaltando que Charles Péguy oferece uma resposta original e instigante ao chamado para testemunharmos a todos as razões de nossa esperança. Por tudo isso, e



PÉGUY, Charles. *O Pórtico do Mistério da Segunda Virtude*. São Paulo: Companhia Ilimitada, 2025 [O livro encontra-se em fase de lançamento e pode ser adquirido diretamente na Editora, pelo fone (11)99272-0305].

também pela beleza do poema, *O Pórtico do Mistério da Segunda Virtude* certamente constitui uma boa forma de concluir o trabalho proposto pelo Papa Francisco neste Jubileu da Esperança.

* Professor do Centro Universitário da FEI e Doutor em Literatura Portuguesa pela USP.

Após restauro, sinos da Basílica Menor de Sant'Ana são reinaugurados

FERNANDO GERONAZZO
ESPECIAL PARA O SÃO PAULO

Os sinos da Basílica Menor de Sant'Ana, na zona Norte de São Paulo, voltaram a ressoar solememente na noite da terça-feira, 9, marcando um momento histórico para a comunidade paroquial e para o bairro de Santana.

A bênção e a reinauguração do campanário foram presididas pelo Cardeal Odilo Pedro Scherer, Arcebispo Metropolitano de São Paulo, e reuniram fiéis, representantes da Paróquia e membros do Grupo Comolatti, patrocinador do restauro.

O projeto de recuperação, conduzido pela empresa Fábrica de Sinos Piracicaba, devolveu pleno funcionamento aos três sinos da torre, que estavam silenciados havia alguns anos devido a problemas estruturais. Entre os trabalhos executados estão a limpeza dos sinos; a troca do couro dos badalos; a confecção de três contrapesos, rodas e cavaletes de ferro; a instalação de uma nova plataforma metálica na parte superior da torre; a relocação dos sinos na nova estrutura e sua completa automação com motores, sensores, painéis elétricos e comando digital, além da instalação de martelo para marcação das horas e toque fúnebre e nova pintura.

'OS SINOS SÃO COMO A VOZ DE DEUS'

Na homilia, ao agradecer ao Grupo Comolatti por mais uma vez oferecer à Igreja em São Paulo o som dos sinos que voltam a tocar na cidade, o Cardeal Scherer recordou que os sinos estão ligados à vida do povo de Deus.

"Os sinos são como a voz de Deus que fala ao público, ajudam a recordar os momentos da oração e lembrar de Deus, avisam os fiéis sobre acontecimentos mais sérios que podem significar aflição ou alegria para esta porção da Igreja", declarou o Arcebispo.

Dom Odilo destacou, ainda, que, na metrópole, em meio ao barulho de tantas vozes, "temos que fazer o possível para que a presença da Igreja seja percebida na cidade".

Em entrevista ao **O SÃO PAULO**, o Padre José Roberto Abreu de Mattos, Pároco e



Dom Odilo Scherer e o Padre José Roberto com representantes do Grupo Comolatti na Basílica de Sant'Ana

Reitor da Basílica, recordou a importância simbólica dos sinos para a vida de fé do povo de Santana.

"Há exatamente 84 anos, a Paróquia Sant'Ana teve a grata satisfação de ouvir pela primeira vez o soar dos sinos; sinal do sagrado, da presença e do chamado de Deus no bairro de Santana", afirmou. Ele destacou que, por quase oito décadas, os sinos foram tocados manualmente e depois silenciaram devido à precariedade da estrutura que os sustentava.

"Agora, com o retorno dos sinos, neste Ano Jubilar, reacende em nossos corações a esperança e a alegria de sermos chamados a viver em comunidade, cada vez que ouvirmos suas badaladas".

"está quieto', está faltando o badalar dos sinos", comentou o Sacerdote.

Para o Reitor, o retorno dos sinos em pleno ano jubilar reacende a alegria da comunidade: "Agora, com o retorno dos sinos, neste Ano Jubilar, reacende em nossos corações a esperança e a alegria de sermos chamados a viver em comunidade, cada vez que ouvirmos suas badaladas".

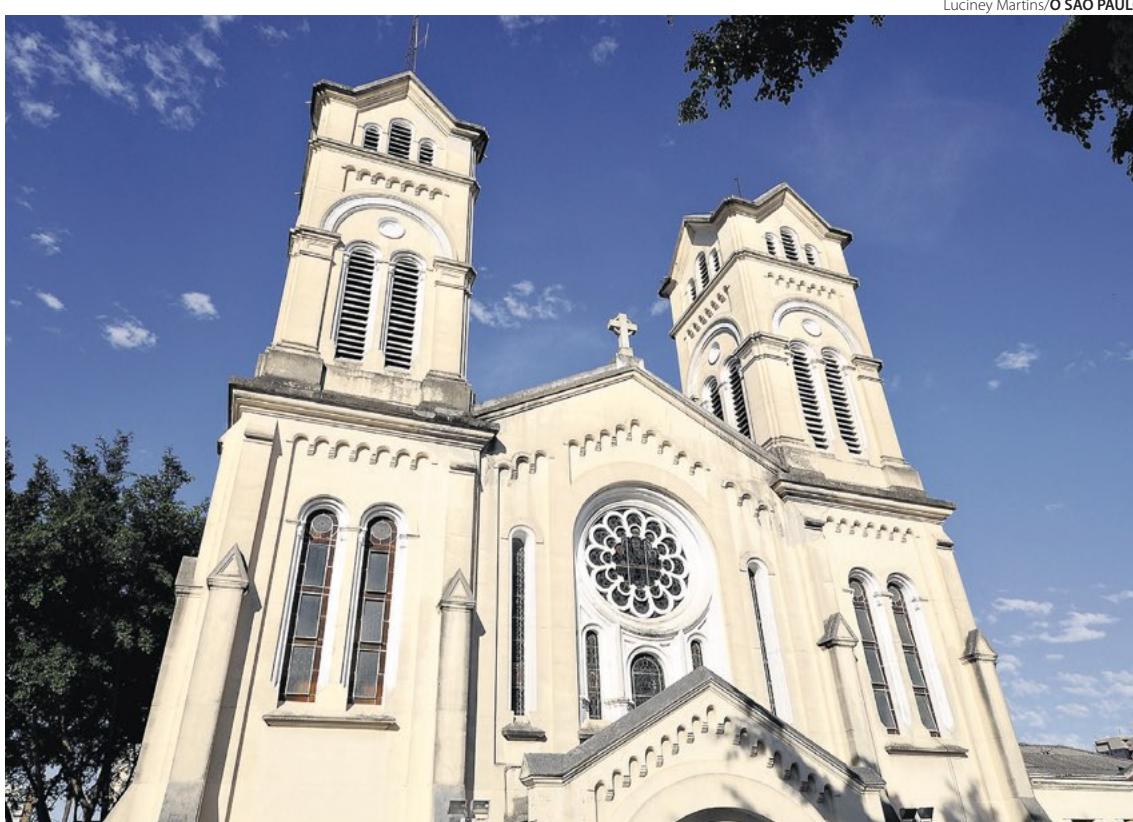
MARCO DA ZONA NORTE

A origem da Paróquia Sant'Ana se confunde com a própria história da cidade de São Paulo. No século XVI, uma vasta área situada

ao norte da Vila de São Paulo de Piratininga foi confiada aos missionários jesuítas. Próximo à sede da antiga fazenda instalou-se uma igreja dedicada a Sant'Ana, na qual os colonos se reuniam para celebrar e cultivar a devoção à mãe da Virgem Maria. São José de Anchieta, fundador da cidade, chegou a mencionar a fazenda em cartas enviadas a Portugal em 1560.

Em 12 de julho de 1895, Dom Joaquim Arcoverde de Albuquerque Cavalcanti erigiu oficialmente a Paróquia Sant'Ana, cuja sede provisória passou a ser a Capela Santa Cruz, do Colégio Santana. Desde então, testemu-

Luciney Martins/O SÃO PAULO



nhou intensas transformações sociais e históricas.

A atual igreja matriz foi construída entre 1896 e 1936 e tornou-se ícone do bairro que dela herdou o nome. Em 5 de maio de 2020, a Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos atendeu ao pedido do Cardeal Scherer e concedeu ao templo o título de Basílica Menor, ato oficializado em 26 de julho daquele ano.

TRADIÇÃO

Patrocinar o restauro de sinos é um gesto que se consolidou como tradição do Grupo Comolatti. Ao longo dos últimos 18 anos, o grupo já patrocinou a recuperação dos sinos de 19 igrejas da Arquidiocese de São Paulo, entre elas as Paróquias São Vito Mártil, Bom Jesus do Brás, Nossa Senhora do Brasil, Nossa Senhora da Paz, São Cristóvão, São José do Belém e São João Batista do Brás. Também são frutos dessa parceria a revitalização dos sinos da Igreja de Nossa Senhora da Boa Morte e do Mosteiro de São Bento, da Basílica Nossa Senhora da Conceição (Santa Ifigênia) e, em 2010, o restauro do carrilhão de 61 sinos da Catedral da Sé, o maior da América Latina.

Sérgio Comolatti, presidente do conselho de administração do grupo empresarial, reafirmou o valor evangelizador do toque dos sinos, que atravessa gerações. "A iniciativa busca manter viva a tradição de, com o toque dos sinos, chamar as pessoas para a Igreja, pois o soar dos sinos é uma forma de comunicação que atravessa gerações e representa para a família Comolatti um legado de fé", destacou. Ele enfatizou, ainda, a alegria de contribuir com a missão da Igreja na capital paulista: "É uma satisfação contribuir para que seus sinos continuem a soar com qualidade, anunciando a presença da Igreja Católica na cidade".

A reinauguração dos sinos da Basílica de Sant'Ana une preservação histórica, devoção popular e renovação da ação evangelizadora. Em cada toque, ecoa a memória da fé que deu origem ao bairro e continua a iluminar a vida de seus habitantes, convidando à comunhão, à esperança e ao encontro com Deus.

Papa Leão XIV: o ‘sim’ de Maria inspirou muitos outros; ela reflete a presença de Deus

FILIPE DOMINGUES
ESPECIAL PARA O SÃO PAULO, EM ROMA

“Ave, ó Maria! Alegra-te, cheia de graça, daquela graça que, como uma luz suave, torna radiantes aqueles sobre os quais reflete a presença de Deus.” Assim rezou o Papa Leão XIV na segunda-feira, 8, durante a tradicional cerimônia do dia da Imaculada Conceição.

Nesta solenidade litúrgica, que celebra a pureza de Maria – ausência de “manchas”, de pecado – desde o início de sua vida, também é feriado civil na Itália. Todos os anos, o Papa faz uma homenagem a Nossa Senhora diante da imagem mariana que está sobre uma coluna na Praça de Espanha, no centro da Cidade Eterna.

Em nome do Pontífice, Bispo de Roma, os bombeiros colocam uma coroa de flores nos braços de Maria. A festa, que decorre no tempo litúrgico do Advento, marca fortemente o período de preparação para o Natal.

Dirigindo-se à Imaculada, Leão XIV continuou: “O Mistério te envolveu desde o princípio. Desde o ventre de tua mãe, começou a realizar em ti grandes coisas, que logo pediram o teu consentimento, aquele ‘sim’ que inspirou muitos outros ‘sins’.”



Papa presta homenagem a Nossa Senhora diante da imagem mariana na Praça de Espanha

Muitos peregrinos passaram por Roma, disse ele, e a Maria dedicaram seu amor e devoção, em particular no atual Ano Jubilar – o Jubileu da Esperança. Somos “uma humanidade provada, às vezes esmagada, humilde como a terra da qual Deus a plasmou e na qual não cessa de soprar o seu Espírito de vida”, acrescentou ele, implorando a Maria que continue a olhar por seus filhos.

“Intercede por nós, envolvidos em mudanças que parecem nos encontrar despreparados e impotentes. Inspira so-

nhos, visões e coragem, tu que sabes melhor do que qualquer outro que nada é impossível a Deus e, ao mesmo tempo, que Deus nada faz sozinho”, rezou à Rainha da Paz.

DONS DO BATISMO

Mais cedo, na oração do *Angelus*, na Praça São Pedro, o Papa recordou que Maria, ao dizer “sim” ao projeto de Deus, agiu em total liberdade – algo que todo cristão batizado também é convidado a fazer.

“O Senhor concedeu a Maria a graça

extraordinária de um coração totalmente puro, em vista de um milagre ainda maior: a vinda ao mundo, como homem, do Cristo Salvador”, refletiu.

“O milagre que, para Maria, ocorreu em sua concepção, para nós foi renovado no Batismo: lavados do pecado original, tornamo-nos filhos de Deus, sua morada e templo do Espírito Santo”, declarou o Papa.

“E assim como Maria, por graça especial, pôde acolher Jesus em si e oferecê-Lo aos homens, assim também o Batismo permite que Cristo viva em nós e que nós vivamos unidos a Ele, para colaborar na Igreja, cada um segundo a própria condição, na transformação do mundo”, exortou.

“Caríssimos, grande é o dom da Imaculada Conceição, mas também é grande o dom do Batismo que recebemos”, disse.

“É maravilhoso o ‘sim’ da Mãe do Senhor, mas também o nosso pode sê-lo, renovado fielmente a cada dia, com gratidão, humildade e perseverança, na oração e nas obras concretas de amor, desde os gestos mais extraordinários até os compromissos e serviços mais simples e cotidianos, para que em toda parte Jesus possa ser conhecido, acolhido e amado, e para que a todos chegue a sua salvação.”

Aos diplomatas: a paz se constrói ‘no coração e a partir do coração’

Diante de tantas guerras e desordem entre os povos no mundo de hoje, é preciso recordar que “a paz não é simplesmente a ausência de conflitos, mas um dom ativo, envolvente, um dom que se constrói no coração e a partir do coração”, afirmou o Papa Leão XIV em audiência privada com alguns diplomatas que iniciam seu mandato junto à Santa Sé.

A paz que devemos construir “convida a cada um de nós a renunciar ao orgulho e ao espírito de revanche e a resistir à tentação de usar as palavras como ar-

mas”, disse ainda a embaixadores do Uzbequistão, Moldávia, Bahrein, Sri Lanka, Paquistão, Libéria, Tailândia, Lesoto, África do Sul, Fiji, Micronésia, Letônia e Finlândia, que apresentaram ao Papa suas credenciais, como é previsto no início do período de serviço.

Leão XIV recordou aos líderes internacionais que, em seu ainda novo pontificado, não deixará de defender princípios universais e enraizados no Evangelho.

“A Santa Sé não será uma espectadora silenciosa diante das graves disparidades,

das injustiças e das violações dos direitos humanos fundamentais da comunidade humana e global, que está cada vez mais fraturada e inclinada aos conflitos”, disse.

“A diplomacia da Santa Sé, moldada pelos valores do Evangelho, está constantemente orientada a servir ao bem da humanidade, sobretudo apelando às consciências e permanecendo atenta às vozes daqueles que são pobres, que se encontram em situações vulneráveis ou que são empurrados para as margens da sociedade”, completou. (FD)

Concerto para os pobres no Vaticano tem o cantor Michael Bublé como destaque

A presença do cantor canadense Michael Bublé, conhecido internacionalmente, transformou o concerto de Natal do Vaticano. Em sua 6ª edição, no sábado, 6, o evento musical foi destinado a pessoas pobres e em situação de fragilidade social.

Entre outras canções, Bublé cantou a “Ave Maria”, na presença do Papa Leão XIV – momento que definiu como o mais importante de sua carreira. Antes da atuação de Michael Bublé, e depois com ele, apresentaram-se o Coro da

Diocese de Roma, conduzido pelo maestro Monsenhor Marco Frisina, e a orquestra “Nova Ópera”.

Em breve discurso, o Papa Leão XIV afirmou que a música é “um dom divino acessível a todos, ricos e pobres”. É como “uma ponte que nos conduz a Deus”, disse. “É capaz de transmitir sentimentos e emoções, até os movimentos mais profundos da alma, elevando-os e transformando-os em uma escadaria ideal que liga a terra ao céu”, refletiu. (FD)



O SÃO PAULO

www.osapaulo.org.br

Diariamente, no site do jornal O SÃO PAULO, você pode acessar notícias sobre a Igreja e a sociedade em São Paulo, no Brasil e no mundo. A seguir, algumas notícias e artigos publicados recentemente.

ACN lança campanha internacional para apoiar catequistas em regiões de extrema vulnerabilidade
<https://curt.link/bzTkl>

Relatório de comissão vaticana indica a não viabilidade do diaconato feminino na Igreja
<https://curt.link/fHObg>

Signis elege diretoria para o triênio 2026-2028
<https://curt.link/pQvfV>

Em nota, CNBB chama a atenção para votação e julgamento sobre a tese do Marco Temporal
<https://curt.link/zSmxP>

Bispos do Regional Sul 3 da CNBB manifestam apoio à restrição da publicidade das bets
<https://curt.link/PkaeE>

Linhas do Metrô de São Paulo começam a funcionar 24 horas aos sábados
<https://curt.link/WUQRk>

SÉ

Em missa na Catedral da Sé, 357 adultos da Paróquia Nossa Senhora do Brasil recebem o sacramento da Crisma

JOÃO PEDRO PASSOS
COLABORAÇÃO ESPECIAL PARA A REGIÃO

Na manhã do sábado, 6, na Catedral da Sé, o Cardeal Odilo Pedro Scherer presidiu missa na qual 357 adultos da Paróquia Nossa Senhora do Brasil, Decanato São Tomé, receberam o sacramento da Confirmação, dos quais 43 também a Comunhão pela primeira vez. A Eucaristia teve entre os concelebrantes Dom Rogério Augusto das Neves e Dom Carlos Lema Garcia, Bispos Auxiliares da Arquidiocese de São Paulo.

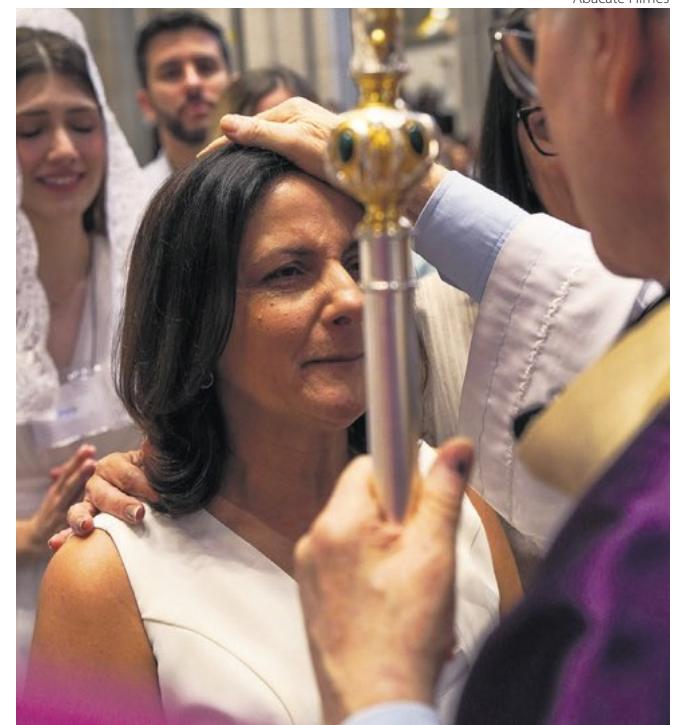
Na homilia, o Arcebispo Metropolitano destacou que, ao receber o sacramento da Crisma, o cristão recebe o Espírito Santo e, mediante este, os dons do discernimento ante as dúvidas, da coragem frente às dificuldades, da força para testemunhar a fé e, sobretudo, o de uma maior compreensão da filiação divina, isto é, o poder, nas palavras do Cardeal, de “olhar a Deus como nosso Pai e nos sentirmos seus filhos queridos”. Dom Odilo, por fim, exortou os crismados ao cum-

primento do dever de corresponder cotidianamente a este imenso amor de Deus, pelo qual são dados tão grandes dons e graças.

Ao final da missa, o Padre Michelino Roberto, Pároco, ressaltou e agradeceu o privilégio de os crismados da Paróquia Nossa Senhora do Brasil poderem se crismar na Igreja-Mãe da Arquidiocese de São Paulo.

Na terça-feira, 9, outros 100 crismados receberam o sacramento da Confirmação na própria Paróquia Nossa Senhora do Brasil, em missa presidida por Dom Rogério Augusto das Neves.

Com duração de um semestre e com um programa fixo, a Catequese para os Adultos é oferecida em sete horários diferentes ao longo da semana na Paróquia, com a possibilidade de livre reposição, ou seja, se alguém, inscrito em uma turma de terça-feira à noite, por exemplo, por algum motivo precise se ausentar à aula, poderá repô-la em qualquer um dos seis outros horários, como no sábado pela manhã. Por fim, a Paróquia igualmente oferece a Catequese para jovens, com duração anual, nas tardes de sábado.



Dom Rogério conduz retiro da Pastoral do Menor regional

POR PASTORAL DO MENOR DA REGIÃO SÉ

No domingo, 7, a Pastoral do Menor regional realizou seu retiro anual, no Santuário São Francisco, Decanato São João Evangelista.

A atividade foi conduzida por Dom Rogério Augusto das Neves. Missionários, agentes de pastoral, apoiadores, voluntários, líderes de projetos e coordenadores da Pastoral em projetos paroquiais puderam meditar a Palavra de Deus a partir da Carta de São Paulo aos Filipenses.

Para os participantes do retiro, que atuam na promoção do desenvol-

vimento de crianças e adolescentes a partir de projetos de caráter preventivo nas paróquias, e os missionários da evangelização de jovens na unidade Ruth Pistori da Fundação Casa, a mensagem levou à reflexão sobre a importância do verdadeiro acolhimento ao próximo, de modo fraterno e sem julgamentos, além da necessidade de cada um de se manter firme na missão, apesar das dificuldades pelo caminho.

Um momento com Maria, com a recitação do Terço, abriu o período da tarde do retiro, que foi encerrado com a missa presidida pelo Bispo Auxiliar da Arquidiocese na Região Sé.



Na Paróquia Sagrado Coração de Jesus, Decanato São Paulo, na segunda-feira, 8, foi celebrada a festa de Nossa Senhora de Caacupé, pela comunidade paraguaia de fiéis. A cerimônia teve início com a procissão pelas ruas próximas à igreja, seguida de missa presidida pelo Padre Cássio Rodrigo de Oliveira, Diretor da comunidade do Centro Regional de Salesianos Coadjutores (Cresco América). (por Pascom paroquial)



Na sexta-feira, 5, na Paróquia Sagrado Coração de Jesus em Sufrágio das Almas, Decanato São Paulo, 35 jovens e adultos receberam o sacramento da Crisma, em missa presidida por Dom Rogério Augusto das Neves, Bispo Auxiliar da Arquidiocese na Região Sé, e concelebrada pelo Padre Air José de Mendonça, MSC, Vigário Paroquial. (por Pascom paroquial)



Na segunda-feira, 8, a Paróquia Nossa Senhora da Conceição – Santa Ifigênia, juntamente com a Paróquia São Francisco de Assis, ambas do Decanato São João Evangelista, celebraram a Solenidade da Imaculada Conceição. Dom Carlos Lema Garcia, Bispo Auxiliar da Arquidiocese e Vigário Episcopal para a Educação e a Universidade, presidiu a missa. Depois, a comunidade saiu pelas ruas do centro de São Paulo em uma procissão luminosa que seguiu até o Santuário São Francisco de Assis, onde, aos pés da imagem diante da qual Santo Antônio de Sant'Ana Galvão consagrhou-se à Virgem, realizou-se a consagração à Imaculada Conceição. (por Pascom paroquial)



Entre 29 de novembro e o domingo, 7, os fiéis da Paróquia Imaculada Conceição, Decanato São Tiago de Alfeu, celebraram a novena preparatória para a festa da padroeira, solenemente celebrada na segunda-feira, 8, na Solenidade da Imaculada Conceição. (por Pascom paroquial)

BELÉM



Juliana Fontanari

Os agentes da **Pastoral da Comunicação** das paróquias e comunidades da Região Belém se reuniram, na manhã do sábado, 6, no Centro Pastoral São José, no Belenzinho, para aprimorarem o conhecimento sobre o aplicativo Re.Part, uma plataforma digital que conecta quem deseja colaborar com quem precisa de ajuda. Idealizado por uma equipe liderada pelo Arsenal da Esperança e pela Região Belém, cujos membros incluem o Padre Lorenzo Nachelli, Pároco da Paróquia Nossa Senhora Aparecida dos Ferroviários, o projeto nasceu como resposta ao sínodo arquidiocesano, que pediu maior organização e visibilidade para a caridade social. No site www.repart.org.br/mapa é possível localizar paróquias, comunidades, pastorais e instituições de caridade, além de buscar iniciativas por categorias como DOE (doações), REZE (espiritualidade) e PARTICIPE (eventos). A primeira fase acontece na Região Belém, com apoio do Arsenal da Esperança; no entanto, a plataforma já está aberta a toda a Arquidiocese.

(por Juliana Fontanari)



Pascom paroquial

Na manhã do sábado, 6, os **catequistas das paróquias e comunidades da Região Belém** participaram de uma manhã de espiritualidade e encontro, na Paróquia Nossa Senhora de Lourdes, Decanato Santa Maria e São José. O encontro foi conduzido por Dom Cícero Alves de França, Bispo Auxiliar da Arquidiocese na Região Belém, e pelo Padre Eduardo Binna, Assessor Eclesiástico para a Catequese na Região.

(por Fernando Arthur)

Kaique Mazaia



Kaique Mazaia

Em missa na noite do sábado, 6, na **Paróquia São Sebastião**, Decanato São Timóteo, 75 jovens e adultos receberam o sacramento da Confirmação pelas mãos de Dom Cícero Alves de França, Bispo Auxiliar da Arquidiocese na Região Belém. Concelebraram sacerdotes da Congregação dos Missionários Combonianos do Coração de Jesus, entre eles os Padres Amaksandro Feitosa da Silva, MCCJ, Pároco, e João Batista Dinamarques, Decano.

(por Kaique Mazaia)



Denis Medeiros

Na tarde do domingo, 7, Dom Cícero Alves de França, Bispo Auxiliar da Arquidiocese na Região Belém, presidiu missa na **Paróquia Santo André Apóstolo**, Decanato Sant'Ana e São Joaquim, durante a qual conferiu o sacramento da Confirmação a 45 jovens e adultos. Concelebrou o Padre Claudinês Venâncio, Pároco, com a assistência do Diácono Ricardo Donizeti.

(por Denis Medeiros)



Pascom paroquial

Dom Cícero Alves de França, Bispo Auxiliar da Arquidiocese na Região Belém, presidiu missa na **Paróquia São Miguel Arcanjo**, na Mooca, Decanato Santa Maria e São José, na noite do domingo, 7, e conferiu o sacramento da Confirmação a 15 jovens e adultos. Concelebrou o Padre Júlio Lancellotti, Pároco.

(por Fernando Arthur)



Pascom paroquial

Na manhã do domingo, 7, Dom Cícero Alves de França presidiu missa na **Paróquia Nossa Senhora Aparecida**, na Vila Nova York, Decanato Sant'Ana e São Joaquim, durante a qual conferiu o sacramento da Confirmação a 33 jovens e adultos. Concelebraram os Padres Paulo Eduardo, MPS, Pároco, e João Paulo de Souza, MPS, Vigário Paroquial. (por Denis Medeiros)

5
NOTA
MÁXIMA
NO MEC

VESTIBULAR 2025.2

CURSOS PRESENCIAIS
SÃO PAULO/SP
COM AULAS ON-LINE ÀS SEXTAS-FEIRAS

ASSUNÇÃO
CENTRO UNIVERSITÁRIO

Transforme o seu futuro no **ASSUNÇÃO**!
Escolha estudar em um Centro Universitário com nota **MÁXIMA no MEC**, tradição em ensino de qualidade e compromisso com a sua formação.
Aqui, você conquista sua Graduação com **50% de desconto*** e tem acesso a cursos de Pós-Graduação com condições especiais e oportunidades únicas para crescer profissionalmente.

*Desconto exclusivo para ingressantes via Projeto "Vamos Sonhar Juntos"

Rua Afonso Celso, 711 (Metrô Santa Cruz) - Vila Mariana
(11) 5087-0187

www.unifai.edu.br

BRASILÂNDIA



Roberto Bueno

No sábado, 6, na Paróquia Nossa Senhora das Dores, em Taipas, Decanato Santa Isabel e São Zacarias, houve o encerramento das atividades do ano do **Apostolado da Oração da Região Brasilândia**, com café da manhã, missa e almoço. A Eucaristia foi presidida por Dom Carlos Silva, OFMCap., e concelebrada pelos Padres Walter Merlugo Júnior, Administrador Paroquial e Assistente Eclesial Regional do Apostolado da Oração; Ottoniel Profiro de Moraes, Colaborador Paroquial, e Antônio Cláudio Neres de Souza, CRL, Administrador Paroquial da Paróquia Imaculado Coração de Maria. Na homilia, o Bispo Auxiliar da Arquidiocese na Região Brasilândia destacou que, mesmo diante das tempestades e do desânimo, "devemos nos entregar ao Sagrado Coração de Jesus. Ele nos dará força e ânimo para continuar a caminhada".

(por Silvano J. Sousa)



Patrícia Beatriz Lopes

Em 22 de novembro, a **Paróquia São Luís Maria Grignion de Montfort**, que tem como Pároco o Padre Sérgio Antônio Bernardi, CRL, Decanato São Barnabé, realizou em consonância com o Dia Mundial dos Pobres, a 2ª edição da Ação Social. Foram atendidas cerca de 150 pessoas que contaram com o serviço voluntário de profissionais das áreas da saúde, estética e recursos humanos, direito, odontologia, oftalmologia, massoterapia, além de encaminhamento para vagas de emprego. Foi oferecido um café solidário às pessoas em vulnerabilidade social doado pelos missionários Emaús.

(por Patrícia Beatriz Lopes)



Pascom paroquial

No sábado, 6, na **Paróquia Santa Cruz de Itaberaba**, Decanato São Pedro, foi celebrado o casamento comunitário de seis casais, em cerimônia assistida pelo Padre Carlos Alves Ribeiro, Pároco.

(por Eliana Lubianco)



Rayla Monaliza Santos

Em 29 de novembro, a **Paróquia Santos Apóstolos**, Decanato São Filipe, sediou o Luau da Juventude sob o tema "Jovens, sejais sentinelas da manhã". O evento reuniu cerca de 120 jovens de paróquias da Região Brasilândia. A missa de abertura foi presidida pelo Padre Sílvio Costa de Oliveira, Pároco, e concelebrada pelo Padre Cleyton Pontes Silva, Administrador Paroquial da Paróquia do Espírito Santo e Assessor da Juventude no Decanato.

(por Agatha Oliveira)



Eliana Lubianco

Em missa na **Paróquia Santa Cruz de Itaberaba**, Decanato São Pedro, no domingo, 7, Dom Carlos Silva, OFMCap., conferiu o sacramento da Crisma a 25 jovens. Concelebrou o Padre Carlos Alves Ribeiro, Pároco, com a assistência do Diácono Francisco Nunes Pereira.

(por Eliana Lubianco)



Pascom paroquial

A Paróquia Nossa Senhora da Expectação, Decanato São Pedro, comunicou com pesar, na terça-feira, 9, o falecimento do **Diácono Leopoldo Batista Sirotheau**, aos 71 anos. Ele era Assistente Pastoral na referida Paróquia. Sua ordenação diaconal ocorreu em 4 de dezembro de 2005, pela imposição das mãos do Cardeal Cláudio Hummes, então Arcebispo de São Paulo, em celebração na Catedral da Sé.

(por Redação)

NOTA DE FALECIMENTO

IPIRANGA



Pascom paroquial

Os fiéis da **Paróquia Imaculada Conceição**, Decanato São Marcos, celebraram sua Padroeira na segunda-feira, 8, participando de quatro missas, presididas pelos Padres Rodrigo Thomaz e Israel Mendes Pereira, respectivamente Pároco e Vigário Paroquial da Paróquia Santo Emídio; Jorge Bernardes, Vigário Episcopal e Geral para a Região Ipiranga; e Boris Agustín Nef Ulloa, Pároco, que presidiu a missa de encerramento. Em preparação à solenidade, houve uma novena litúrgica, para que, a cada dia, os fiéis meditassem um tema mariano e realizassem gestos concretos, como a arrecadação de alimentos para os assistidos pelos grupos Vicentinos e Missão Noturna, a visita a doentes e enlutados e a distribuição de folhetos de oração e medalhas de Nossa Senhora. A festa social acontecerá nos dias 13, das 15h às 22h; e 14, das 10h às 21h, com música ao vivo, barracas de comidas e bebidas e show de prêmios.

(por Karen Eufrosino)



Amparo Maternal

Na segunda-feira, 8, foi realizada na Paróquia Santa Rita de Cássia, Decanato São Mateus, a **missa em ação de graças pela Rede Amparo pela Vida**, com a presença das acolhidas, equipe e doadores da Associação Amparo Maternal, que atende hoje 100 mães e seus bebês, na Vila Clementino. A celebração foi presidida pelo Padre Jorge Bernardes, Vigário Episcopal e Geral para Região Ipiranga e Assistente Eclesiástico do Amparo.

(por Karen Eufrosino)



Pascom paroquial

Em missa no domingo, 7, o Padre Jorge Bernardes, Vigário Episcopal e Geral para a Região Ipiranga, conferiu o sacramento da Crisma a 60 jovens e adultos da **Paróquia Santo Emídio**, Decanato São Marcos. Concelebraram os Padres Rodrigo Thomaz, Pároco; José Geraldo Rodrigues Moura e Israel Mendes Pereira, Vigários Paroquiais. Na homilia, Padre Jorge destacou a comemoração dos 86 anos da Paróquia, recordou a história do martírio de Santo Emídio e a devoção ao padroeiro trazida pelos imigrantes italianos ao bairro da Vila Prudente.

(por Pascom paroquial)

LAPA

Benigno Naveira



Dom Edilson de Souza Silva ordena sacerdote o monge Dom André Alves dos Santos, OSB

BENIGNO NAVEIRA
COLABORADOR DE COMUNICAÇÃO NA REGIÃO

Pela imposição das mãos de Dom Edilson de Souza Silva, na noite da sexta-feira, 5, na Paróquia Nossa Senhora da Assunção, no Jardim Felicidade, Decanato São Tito, foi ordenado sacerdote o até então Diácono Dom André Alves dos Santos, OSB, em missa concelebrada por Dom Giuseppe Casetta, OSB, Abade Geral dos Monges Beneditinos Valombrosanos; e pelo Padre Dom Robson Medeiros, OSB, Pároco e Prior da Congregação Valombrosana da Ordem de São Bento.

O rito de ordenação presbiteral teve

início após a proclamação do Evangelho, com a apresentação do candidato, e continuou após a homilia, com o propósito do eleito, a Ladinha de Todos os Santos e a imposição das mãos e a prece de ordenação presbiteral conduzida pelo Bispo Auxiliar da Arquidiocese na Região Lapa.

Ao final da celebração, o novo Sacerdote agradeceu a Dom Edilson pela ordenação e a Dom Giuseppe e a Dom Robson pelo apoio e o incentivo durante a caminhada de preparação ao sacerdócio. Também manifestou gratidão a toda a comunidade paroquial, pelo apoio e carinho neste percurso.

Luiz Vagner



Em missa no sábado, 6, Dom Edilson de Souza Silva, Bispo Auxiliar da Arquidiocese na Região Lapa, conferiu o sacramento da Crisma a 68 jovens e adultos na **Paróquia Nossa Senhora da Lapa**, Decanato São Simão. Concelebrou o Padre Marcos Roberto Pires, Pároco, com a assistência do Diácono Marcos Adriano de Souza. *(por Benigno Naveira)*

Benigno Naveira



Em 30 de novembro, um grupo de 90 jovens e adultos recebeu o sacramento da Crisma na **Paróquia São Francisco de Assis**, no Jaguaré, Decanato São Bartolomeu, em missa presidida por Dom Edilson de Souza Silva, e concelebrada pelo Padre Edilberto Alves da Costa, Pároco, com a assistência do Diácono Ronaldo Contin Della Nina. *(por Benigno Naveira)*

Marcos Wilkens



Na sexta-feira, 5, na Casa do Pequeno Cidadão, no futuro espaço do **Núcleo de Convivência de Idosos Padre Tarésio Justino Loro** (Rua Aliança Liberal, 140, Vila Leopoldina), foi celebrada missa em ação de graças pelos 18 anos daquela instituição e pela instalação do Núcleo. A Eucaristia foi presidida pelo Padre Pedro Augusto Ciola de Almeida, Pároco da Paróquia Nossa Senhora de Fátima, Decanato São Simão, e concelebrada pelo Padre Tarésio Justino Loro, ex-Pároco, e que passa a ser homenageado com o nome no Núcleo de Convivência, por iniciativa da diretoria da Casa do Pequeno Cidadão, representada por Alfredo Manzoni, presidente, e sua esposa, Shirlene Queiroz. *(por Benigno Naveira)*



No domingo, 7, na Paróquia São João Batista, na Vila Ipojuca, Decanato São Simão, a **Escola Regional de Formação de Catequistas** realizou a solenidade de colação de grau dos 50 formandos da 6ª turma do Curso de Formação Catequista, que teve como paraninfo o Padre Geraldo Raimundo Pereira, Pároco da Paróquia Nossa Senhora Rainha da Paz. A cerimônia começou com a missa em ação de graças, presidida por Dom Edilson de Souza Silva, e concelebrada pelo Padre Fabiano de Souza Pereira, Pároco e novo Assistente Eclesiástico da Pastoral da Catequese, e o Padre Geraldo, que anteriormente desempenhava essa função. Ao término da celebração eucarística, ocorreu no salão paroquial a entrega dos certificados de conclusão do curso e o juramento dos catequistas. *(por Benigno Naveira)*

SANTANA

Agentes da Pascom regional participam de encontro formativo

REDAÇÃO
osaopaulo@uol.com.br

No sábado, 6, foi realizado na sede da Região Santana o Encontro Regional da Pascom, um momento marcado por formação, espiritualidade e partilha de conhecimentos, à luz do tema “Comunicar com o Coração: a Pascom em Missão”.

Pela manhã, após a acolhida dos participantes, foi celebrada a missa de abertura, presidida pelo Padre Andres Gustavo Marengo, Coordenador Regional de Pastoral.

Na sequência, ocorreram três palestras: “Pascom: Identidade, Missão e Implantação”, conduzida pela Irmã Viviani Moura, vice-coordenadora da Pastoral da Comunicação da Arquidiocese de São Paulo, que tratou sobre os fundamentos da Pascom, sua missão evangelizadora e os passos para sua articulação nas comunidades.

“Comunicação Integrada: Construindo Pontes com Pastorais e Movimentos”, foi a temática tratada por Carlos Alexandre Campos, da Pastoral da



Arquivo pessoal

Pessoa com Deficiência, que falou sobre como a Pascom pode atuar em sintonia com outras pastorais, fortalecendo a unidade e a inclusão na Igreja.

O jornalista Fernando Geronazzo, assessor de imprensa da Arquidiocese

de São Paulo, palestrou sobre “Estratégia Pastoral: Como planejar a comunicação na comunidade”, com diretrizes práticas para elaborar um plano de comunicação pastoral eficiente e alinhado à realidade local.

O encontro foi concluído no começo da tarde, com um momento de espiritualidade conduzido pelo Padre Lucas Gobbo, CR, Assessor Eclesiástico da Pascom da Região Santana.

(Com informações da Pascom da Região Santana)



Na noite do domingo, 7, na **Paróquia Nossa Senhora dos Prazeres**, Decanato Santo Estêvão, o Padre Carlos Alberto Doutel, Vigário Episcopal e Geral para a Região Santana, presidiu a missa durante a qual conferiu o sacramento da Confirmação a 20 jovens e adultos. Concelebrou o Padre Raimundo Edmilson Rodrigues, Pároco. (por Pascom paroquial)



Hilton Felix

Em missa na **Paróquia Rainha Santa Isabel**, Decanato São Judas Tadeu, no domingo, 7, Dom Odilo Pedro Scherer, Arcebispo Metropolitano, conferiu o sacramento da Crisma a 53 jovens e adultos. Concelebraram os Padres Rafael Contini Quirino, Administrador Paroquial, e Luiz Carlos Ferreira Tose Filho, Secretário do Arcebispo, com a assistência do Diácono Franco Antônio Abelardo.

(por Simone Arruda)

Liturgia e Vida

3º DOMINGO DO ADVENTO – 14 DE DEZEMBRO DE 2025

‘Alegre-se a terra que era deserta’

PADRE JOÃO BECHARA VENTURA

Muitidões vão a Jerusalém todos os anos. A geografia local é árida; o deserto é inóspito; a fauna e a flora são pobres; a água é escassa e cara. Mesmo assim, peregrinos se alegram por estar lá, apesar das contrariedades. Cada um que lá esteve pode dizer com o salmo: “Se de ti, Jerusalém, eu me esquecer, ai de mim!” (Sl 137,5). Para além da aridez, é possível enxergar naquela Cidade o lugar por onde passou e onde morreu e ressuscitou o Senhor; a Cidade de Davi; a “pupila dos olhos” dos profetas; um destino plurisecular de cristãos.

A fé transforma um lugar simples e árido em santuário. Isso se dá também na vinda do Menino Jesus. A fé permite aos pastores, em meio à noite, serem envolvi-

dos pela luz angélica; mostra aos magos a estrela e leva-os a se prostrarem diante de um Menino; guia Maria e José por um caminho inesperado, dando-lhes a certeza de que “para Deus, nada é impossível” (Lc 1,37). Com o nascimento do Senhor, o mundo continuou exteriormente o mesmo: Belém, o deserto, Jerusalém, o Jordão... Porém, para quem tem fé, não apenas a Galileia e a Judeia, mas toda a terra jamais foi a mesma.

No Domingo *Gaudete* (“Alegrai-vos”), a Igreja diz: “Alegre-se a terra que era deserta e intransitável” (Is 35,1). É um convite a olharmos para a realidade com os olhos da fé. Com a presença de Jesus e do Espírito Santo, nenhuma vida humana será “deserta e intransitável”! Se o mundo, as pessoas, o trabalho e as dificuldades nos parecem desinteressantes e

áridos, talvez tenhamos nos esquecido do mais importante: a presença e a bondade do Senhor.

Entre os milagres realizados por Jesus e por meio dos santos, muitos cegos foram curados. Deus talvez repita esse prodígio para nos lembrar de que precisamos superar a “cegueira” espiritual, a cegueira da falta de fé; e, também, a cegueira de não reconhecermos as cores, a altura, o comprimento, a profundidade e o volume que a fé confere ao mundo que nos cerca e a nós mesmos. Por isso, lemos que “se abrirão os olhos dos cegos e se descerrão os ouvidos dos surdos” (Is 35,5).

Que o Senhor nos conceda ver o mundo com os seus olhos, ver “a glória do nosso Deus” (Is 35,2).

A simplicidade e o silêncio da vinda de Jesus nos ensinam a deixar de lado

o olhar mundano que leva a se considerar apenas o que é atraente aos sentidos. Cristo cura os olhos apegados às coisas materiais e passageiras e concede a fé. Como água benfazeja, a fé arrefece as paixões; extingue muitos medos; dá fecundidade a obras e palavras; previne pecados e tentações. Como luz, dá a certeza do caminho a seguir; desmascara os pecados; esclarece a consciência; torna palpável a presença do Senhor.

Ele vem para nos salvar! Ele nos comunicará mais fé, “fortalecerá os corações” (Tg 5,8), firmará “as mãos enfraquecidas e os joelhos debilitados” (Is 35,3)! E poderemos então, com a Virgem, exultar: “Vede, é vosso Deus, é a vingança que vem, é a recompensa de Deus; é Ele que vem para vos salvar” (Is 35,4). Alegremo-nos Nele!

Faixa de Gaza

Casamento coletivo marca nova vida após anos de guerra e tragédia

JOSÉ FERREIRA FILHO
osaopaulo@uol.com.br

No dia 2, em Khan Younis, sul da Faixa de Gaza, 54 casais participaram de um casamento coletivo. Em meio aos escombros, centenas de palestinos se reuniram para assistir à cerimônia. Muitos perderam seus familiares durante a guerra, e muitos casais tiveram que ser deslocados.

Entre eles estavam dois jovens, ambos de 27 anos: Eman Hassan Lawwa e Hikmat Lawwa.

"É uma sensação indescritível. Minha alegria é imensa porque, apesar de tudo o que aconteceu, vamos começar uma nova vida. Queremos ser felizes e, se Deus quiser, será o fim da guerra", afirmou Hikmat, o noivo.

Como muitos moradores de Gaza, Hikmat e Eman foram deslocados durante a guerra. Eles fugiram para Deir al-Balah em busca de abrigo e comida. Os pais de Eman e outros familiares foram mortos.

"Minha alegria não é completa. Minha família não está aqui. Eu queria muito que estivesse", falou Eman, a noiva, emocionada.



O casal, no entanto, tem esperança de um recomeço.

"É difícil alguém ser feliz depois de tanta tristeza, mas a gente diz: 'Deus vai compensar'. Graças a Deus, minha compensação nesta vida é o meu noivo. Nossa vida futura será linda", assegurou Eman.

A celebração foi organizada e financiada pela Al Fares Al Shahim, uma organização humanitária apoiada pelos Emira-

dos Árabes Unidos, que também ofereceu aos casais uma pequena ajuda financeira e itens básicos para ajudá-los a iniciar a vida a dois. Música, dança e uma multidão animada acompanharam a procissão.

Os casamentos, um aspecto importante da vida cultural palestina, tornaram-se cada vez mais raros durante o conflito. A cerimônia da semana passada foi mais simples do que as celebrações

habituais, porém ofereceu aos casais e às famílias a oportunidade de se reunirem, celebrarem e afirmarem a vida.

Apesar do clima festivo, o cenário de devastação permanecia visível. Muitos dos 2 milhões de habitantes de Gaza foram deslocados pelo conflito, com bairros inteiros destruídos e a contínua escassez de suprimentos básicos.

Fonte: I24 News / The Times of Israel

Colômbia

De forma luminosa, a tradição centenária de celebrar a solenidade da Imaculada Conceição se estende por todo o país

Durante a noite do domingo, 7, e a madrugada da segunda-feira, 8, as casas e ruas da Colômbia foram iluminadas por milhares de velas multicoloridas e lanternas de papel em janelas, varandas, ruas e praças, em meio a uma grande atmosfera festiva, com raízes na devoção popular, um evento conhecido como a Noite das Velinhas e que marca o início das festividades natalinas.

Essa tradição é celebrada na véspera da Solenidade da Imaculada Conceição. Nessa noite, as famílias se reúnem para traçar com velas o caminho que a Virgem percorrerá; uma refeição especial também é preparada e, em alguns lugares, o Rosário é rezado e novenas são realizadas.

Sua origem remonta a 7 de dezembro de 1854, quando os fiéis em Roma e em outros países esperavam que o Papa Pio IX declarasse o dogma da Imaculada Conceição no dia seguinte.

Naquela ocasião, muitas pessoas ao redor do mundo, mas especialmente em Roma, acenderam velas e tochas, aguardando o anúncio.

Na Colômbia, essa tradição se mantém e, em diversas cidades, as ruas são decoradas com milhares de velas, seguindo os costumes de cada lugar.

O Padre Jorge Arias, da Arquidiocese de Bogotá, pediu aos fiéis que não percam de vista o significado desta celebração, porque "muitos acendem as velas,

mas nem sequer sabem por que o fazem", ou outros transformam esta data numa festa social em que o álcool predomina, em vez de se concentrarem no mistério.

"Partimos de uma concepção cristã, na qual nasce precisamente a celebração da Noite das Velinhas: como uma ação de graças pelo Natal, que é a celebração da irrupção de Deus em nossa história", disse ele.

O Sacerdote lembrou que a Noite das Velinhas é "a vigília de uma solenidade" que celebra Maria, e convidou as famílias a se reunirem "e explicarem às crianças o significado da celebração". (JFF)

Fonte: ACI Prensa

Estados Unidos

Homeschooling cresce em ritmo acelerado

Há um forte crescimento do homeschooling (educação domiciliar) nos Estados Unidos. Essa tendência já supera as taxas de crescimento registradas antes da pandemia, embora de forma bastante desigual entre os diferentes estados norte-americanos.

A educação domiciliar é uma opção à qual as famílias norte-americanas recorrem por diversos motivos: razões religiosas, morais, geográficas ou até mesmo de desempenho acadêmico. Ela costuma ser mais procurada em áreas rurais e entre fa-

mílias com maior número de filhos.

Estudos mostram que alunos *homeschoolers* superam em média os da escola pública em testes padronizados, com 78% das pesquisas confirmado melhores resultados. O gasto médio por aluno é de 600 dólares/ano, contra 11.732 dólares em escolas públicas.

De acordo com dados recentes do Johns Hopkins Homeschool Research Lab, no ano letivo de 2024-2025, o número de alunos em homeschooling aumentou em uma taxa média de 5,4% em todo o país — qua-

se o triplo da taxa pré-pandemia, que girava em torno de 2%.

Nem todos os estados divulgaram os dados ainda, porém 36% daqueles que o fizeram registraram o maior número de alunos em educação domiciliar da história, superando até mesmo os picos alcançados durante a pandemia.

Dos 50 estados (além do Distrito de Columbia), 30 publicam anualmente os números de participação no homeschooling, enquanto 21 não o fazem. Dos estados que divulgam informações, 22 já apresentaram os dados referentes

ao ano letivo 2024-2025 até novembro de 2025. Destes, 82% registraram aumento na educação domiciliar.

Em alguns casos, o crescimento é pequeno (por exemplo, na Louisiana o aumento foi de apenas 1% em relação ao ano anterior), contudo em outros estados é expressivo: New Hampshire (14,5%), Vermont (17%) e Maine (10,8%). O estado campeão em porcentagem de crescimento é a Carolina do Sul, na qual o homeschooling avançou impressionantes 21,5% em relação ao ano anterior. (JFF)

Fonte: Gaudium Press

ANÁLISE

Leão XIV no oriente: prelúdio de um pontificado forte e sereno

PADRE DR. JOSÉ EDUARDO DE OLIVEIRA E SILVA
SACERDOTE NA DIOCESE DE OSASCO (SP)

A primeira viagem apostólica de Leão XIV – passando pela Turquia e pelo Líbano – é daquelas cenas que, a longo prazo, dizem mais sobre um pontificado do que qualquer documento programático. Há gestos que são definições, e há viagens que funcionam como parábolas: o Papa colocou os pés exatamente na fronteira mais tensa da cristandade contemporânea e disse, com a calma dos que sabem de onde vêm, que a Igreja não foi feita para andar atrás do mundo pedindo licença. A impressão inicial é que, em vez de inaugurar o pontificado com discursos internos, ele resolveu começar pelos limites extremos, nos quais a fé ou resiste ou se cala. E ele preferiu a resistência.

Em Istambul, diante de uma paisagem marcada por séculos de impérios, ruínas, conquistas e apagamentos, Leão XIV não se deixou intimidar pela coreografia diplomática. As cerimônias pareciam cuidadosamente preparadas para dar a impressão de equilíbrio neutro, mas bastou o Papa abrir a boca para que ficasse claro: ele não estava ali para ser decorativo. Ante as modernas repúblicas laicistas, falou de liberdade religiosa como algo anterior a qualquer Estado liberal, afirmando que não é concessão de governo algum, mas uma verdade inscrita no coração humano. Essa frase, dita sobre o mármore frio de uma antiga capital imperial, soou quase como uma retomada espiritual da liberdade cristã – não como *slogan*, mas como realidade antropológica. E quando ele evocou a responsabilidade moral de qualquer sociedade perante a verdade – palavra que ele usa sem medo, sem aspas e sem eufemismos – parecia querer lembrar ao mundo que nenhuma diplomacia compensa a perda do centro.

O ponto mais impressionante, porém, é que ele combinou essa firmeza com um respeito sincero, sem jogar o



Papa Leão XIV durante visita de oração à Catedral Apostólica Armênia, em Istambul, na Turquia

jogo do sincretismo nem o da hostilidade. Ele não barganhava identidade para parecer simpático, mas também não transformou a visita em uma cruzada verbal. E, assim, deu testemunho da verdade sem renunciar à serenidade, com a clareza de quem sabe que a força da Igreja não está na agressividade, mas na fidelidade. É essa postura que desconcerta tanto entreguistas quanto beligerantes: o Papa não se adapta, mas também não radicaliza. Ele simplesmente permanece.

Depois veio o Líbano. E ali, se a etapa turca assumiu ares de ícone doutrinário, a libanesa foi a paternidade mesma de Leão a encontrar-se com a filiação dos fiéis. No país das convivências difíceis, das feridas abertas e das esperanças teimosas, o Papa foi recebido como quem chega para confirmar identidades que quase se esgotam na luta diária. No Palácio de Baabda, diante de uma classe política acostumada a sobrevivências arriscadas, Leão XIV lembrou que a política só existe quando se orienta ao bem comum real, não ao amontoado de interesses de ocasião. Usou expressões claras, quase duras, lembrando que relativismos democráticos, cedo ou tarde, acabam submetidos ao mais forte. Dizer isso no Líbano não é análise abstrata: é diagnóstico clínico.

Ao mesmo tempo, falou de cidadania compartilhada, de convivência real entre cristãos, muçulmanos e drusos, e de uma responsabilidade internacional para com os refugiados sírios. Não foi uma defesa ingênua do multiculturalismo; foi uma exigência moral fundada na dignidade concreta das pessoas. Diante de milhares de deslocados no vale do Bekaa, disse que “não se levantam muros contra o sofrimento”. Essa afirmação, que em outros papas poderia soar como frase de efeito, em Leão XIV funciona como rugido evangélico: Cristo não passa ao largo do ferido no caminho; Ele desce, toca, cura, carrega. A doutrina se traduz em gesto – e o gesto confirma a doutrina.

Com os maronitas, ofereceu outra síntese reveladora: reafirmou a tradição litúrgica oriental como tesouro irrenunciável, reforçou a comunhão com Roma como eixo da identidade e recordou, com uma clareza que incomoda certas bolhas religiosas, que não se defende tradição rompendo unidade. Essa última linha foi mais que advertência: foi um recado direto aos que tentam transformar a fidelidade em facção. Há momentos em que um Papa, para ser pai, precisa falar como mestre; e Leão o fez.

A missa em Harissa coroou o itinerário. Ali, diante de uma multidão que parecia reviver a antiga alegria dos encontros de São João Paulo II, o Papa pregou sem rodeios sobre a indissolubilidade do Matrimônio, a necessidade moral de reconstruir a prática dominical, o valor absoluto da vida, a importância de resistir ao espírito do tempo. Sem qualquer sombra de impaciência, Leão nos brindou com uma limpidez que já não se vê com frequência: a verdade católica dita como verdade católica, sem medo de sua própria luz. E, ao mesmo tempo, denunciou corrupção, exploração de pobres e barganhas políticas que desfiguram o bem comum. Doutrina e justiça, liturgia e misericórdia, tradição e compaixão – tudo junto, sem confusão e sem separação.

O que essa primeira viagem mostrou, no fundo, é que Leão XIV não pretende reinventar a Igreja, nem a administrar como uma empresa de consensos. Pretende simplesmente fazê-la ser aquilo que ela é. E isso basta para incomodar meio mundo. Há nele uma coerência interna que não se fabrica; uma espécie de segurança tranquila que não procura aprovação. Sua palavra não oscila, sua presença não hesita, sua visão não se mede por cálculos jornalísticos. Ele não se adapta ao ambiente: ele o ilumina. E é exatamente isso que tantos, no fundo, esperavam – um Papa capaz de colocar a Igreja na posição de polo de sentido, não de eco das modas.

Na Turquia e no Líbano, Leão XIV não falou para agradar nem para chocar. Falou para confirmar. E, ao confirmar, traçou a linha-mestra do que será seu governo: clareza doutrinária, coragem pública, caridade concreta e um senso agudo da missão que a Igreja recebeu do próprio Cristo. Se essa viagem for mesmo o prelúdio do pontificado, então não estamos diante de um administrador de crises, mas de um pastor que sabe onde está o Norte — e que, no meio das ruínas e tensões do Oriente, teve a coragem de apontá-lo com o dedo estendido e a alma firme.

SOLUÇÕES ECLESIASIAIS ORGSYSTEM



Acesse nosso site e
conheça nossos produtos!



"Orgsystem, inovando sempre
para melhor atende-lo"

No 'Natal dos Sonhos', crianças acolhem o Cristo que nasce e que renova a esperança

EM SUA 24^a EDIÇÃO, A CAMPANHA ARRECADADA BRINQUEDOS NOVOS E EM BOM ESTADO ATÉ 15 DE DEZEMBRO

ROSEANE WELTER
ESPECIAL PARA O SÃO PAULO

Na manhã chuvosa da terça-feira, 9, cerca de 1,5 mil crianças e adolescentes se reuniram na Catedral Metropolitana Nossa Senhora da Assunção para participar do "Natal dos Sonhos". A celebração da Palavra foi conduzida pelo Cardeal Odilo Pedro Scherer. Concelebraram Dom Edilson de Souza Silva, Bispo Auxiliar da Arquidiocese na Região Lapa; o Cônego Marcelo Monge, Vigário Episcopal da Caridade Social; Padre Douglas da Silva Gonzaga, Assessor Eclesiástico arquidiocesano da Pastoral do Menor, e o Padre Miguel Cambiona. Seminaristas e professores de colégios católicos também participaram.

HISTÓRICO E PROPÓSITOS

Em mais de duas décadas de história, a campanha já arrecadou cerca de 550 mil brinquedos e assegurou momentos de muita alegria e esperança para crianças em situação de vulnerabilidade social na cidade de São Paulo.

A iniciativa é da Pastoral do Menor da Arquidiocese de São Paulo, com o apoio de parceiros como a Mega Model Brasil, Sociedade Esportiva Palmeiras, Crefisa/FAM, e escolas católicas de São Paulo.

Em sua 24^a edição, neste Ano Jubilar da Esperança, a campanha tem como tema "Tu és a minha Esperança!" (Sl 71,5).

O objetivo da campanha é resgatar o lúdico e pedagógico, bem como assegurar o direito de brincar e fazer com que as pessoas deem testemunho de solidariedade. A arrecadação, iniciada em outubro, prosseguirá até 15 de dezembro.

O VERDADEIRO SENTIDO DO NATAL

Ao longo da campanha, nas paróquias e colégios católicos, é feita a arrecadação de brinquedos e outros itens em bom estado de conservação, que são destinados a crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social.

Ao **O SÃO PAULO**, Sueli Camargo, coordenadora arquidiocesana da Pastoral do Menor, salientou que "mais do que arrecadar brinquedos, o Natal dos Sonhos tem como objetivo defender o direito de brincar, de viver plenamente a infância e de não ter esse tempo roubado". Ela destacou que a ação "também se propõe a ser um sinal de denúncia e anúncio dentro da realidade das grandes cidades, tornando visíveis crianças e famílias muitas vezes esquecidas pela ausência de políticas públicas, ao mesmo tempo em que anuncia a chegada do Salvador".



Cardeal Scherer, Dom Edilson Silva, padres, seminaristas e professores se juntam a crianças para o 'Natal dos Sonhos', na terça-feira, dia 9

"A Pastoral do Menor busca fazer com que crianças e adolescentes vivenciem o verdadeiro sentido do Natal por meio de celebrações que recordam o nascimento de Jesus. Em apresentações simbólicas, são reencenados o anúncio do Anjo a Maria e o sonho de São José, com as próprias crianças como protagonistas. A mensagem central transmitida é que a esperança está em Deus, nosso Salvador", finalizou Sueli.

ESPERANÇA ÀS CRIANÇAS

Dom Odilo destacou à reportagem o caráter pastoral e formativo da campanha Natal dos Sonhos: "É uma bela iniciativa para ajudar crianças, em geral em situação de vulnerabilidade, acompanhadas pela Pastoral do Menor, a perceberem o sentido e a alegria do Natal e, pouco a pouco, aquilo que a Igreja celebra nesta data".

O Arcebispo lembrou que a campanha traz o tema da esperança, em sintonia com o Ano Jubilar: "É muito importante levar essa esperança a essas crianças. A criança é a esperança, é o

futuro, mas também é o presente. Ela é o sonho que se realiza, tem muito pela frente", comentou, destacando o papel da Igreja em ajudar as crianças "a realizar a própria vida e os seus sonhos, com sentido de futuro. A educação faz parte disso, e o trabalho da Pastoral do Menor integra essa missão, para que elas vivam e realizem as suas esperanças".

NASCIMENTO DE JESUS

Durante a proclamação do Evangelho, aconteceu a encenação do nascimento de Cristo. Miguel Elias Silva, 8, representou São José. "Foi um momento especial de transmitir a mensagem do pai adotivo de Jesus", disse.

Ester Silva dos Santos, 8, representou Nossa Senhora: "É uma experiência de fé que vou levar no coração", afirmou.

Cônego Marcelo Monge destacou que a Campanha Natal dos Sonhos "proporciona a milhares de crianças a alegria ao receber um presente no Natal". Ele recordou o quanto se alegrava com os presentes de Natal na infância. "Pedimos a doação de brinquedos novos ou

pouco usados, em bom estado, que vão fazer muitas crianças felizes neste Natal", reforçou.

FORMAÇÃO NA FÉ

Padre Douglas da Silva Gonzaga destacou que a celebração do Natal dos Sonhos com as crianças também é para elas uma experiência de formação na fé: "A Pastoral do Menor, com esta celebração, proporciona uma compreensão cristã do Natal, que muitas vezes, em uma cidade plural como a nossa, acaba se perdendo".

O Sacerdote lembrou que a proposta é ajudar as crianças "a compreenderem o mistério da encarnação do Senhor, especialmente neste Jubileu dos 2025 anos do nascimento de Jesus Cristo, e fazê-las entender que o nascimento de Jesus é uma celebração para todos, sobretudo para as crianças, por quem Jesus sempre demonstrou um afeto todo especial".

Iracema da Silva, da Organização Social A Colmeia, participou da celebração com 100 crianças e adolescentes atendidas pela instituição: "Este é um momento para juntos celebrarmos o Natal do Senhor. É um momento para celebrar a fé, promover o desenvolvimento integral, o lúdico e a imaginação das crianças", destacou.

Ryan Pereira de Carvalho foi à celebração com a caravana da OSC Samariano São Francisco de Assis, que fica no Jabaquara. Para ele, "o Natal representa família e alegria. Estar participando é especial porque nos aproxima de Jesus, Maria e José".

PARTICIPE DA CAMPANHA NATAL DOS SONHOS 2025

Doe brinquedos e outros itens em bom estado em paróquias e colégios católicos até 15 de dezembro

INFORME-SE:

Telefone: (11) 3105-0722

E-mail: pastoraldomenor@gmail.com

Instagram: [@nataldossonhosarquisp](https://www.instagram.com/nataldossonhosarquisp)